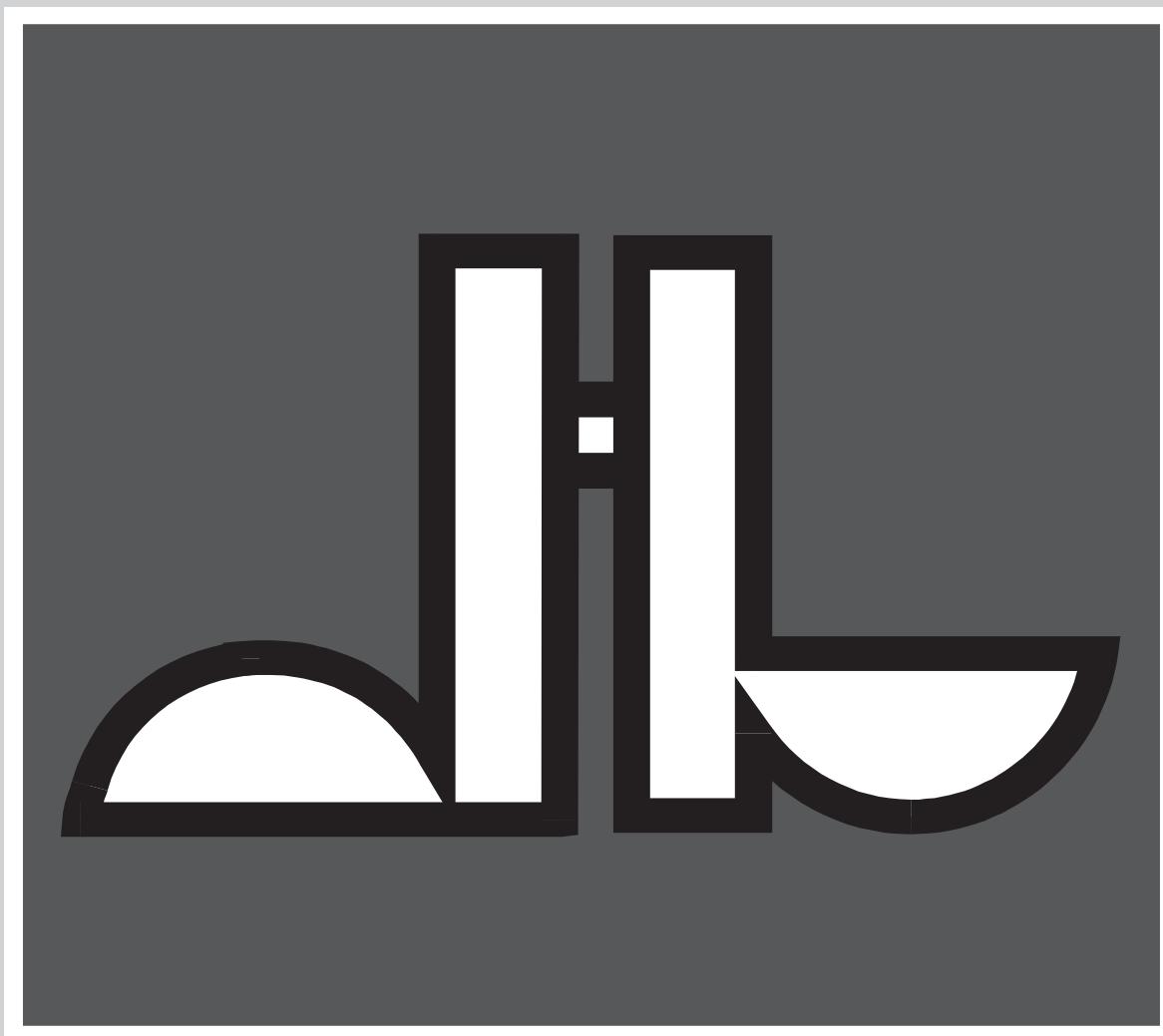




REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL



DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL
SESSÃO CONJUNTA

CPQ NZXFFF/ Pà22: / VGT¥ C/HGKTC.'9 FG O CIQ FG 4235 / DTCU'NKC/FH

COMPOSIÇÃO DA MESA DO CONGRESSO NACIONAL

Presidente
Senador Renan Calheiros (PMDB/AL)

1º Vice-Presidente
Deputado Andre Vargas (PT/PR)

2º Vice-Presidente
Senador Romero Jucá (PMDB/RR)

1º Secretário
Deputado Marcio Bittar (PSDB/AC)

2º Secretária
Senadora Angela Portela (PT/RR)

3º Secretário
Deputado Maurício Quintella Lessa (PR/AL)

4º Secretário
Senador João Vicente Claudino (PTB/PI)

Mesa do Senado Federal

Presidente
Renan Calheiros (PMDB/AL)

1º Vice-Presidente
Jorge Viana (PT/AC)

2º Vice-Presidente
Romero Jucá (PMDB/RR)

1º Secretário
Flexa Ribeiro (PSDB/PA)

2ª Secretária
Angela Portela (PT/RR)

3º Secretário
Ciro Nogueira (PP/PI)

4º Secretário
João Vicente Claudino (PTB/PI)

Suplentes de Secretário

1º - Magno Malta (PR/ES)

2º - Jayme Campos (DEM/MT)

3º - João Durval (PDT/BA)

4º - Casildo Maldaner (PMDB/SC)

Mesa da Câmara dos Deputados

Presidente
Henrique Eduardo Alves (PMDB/RN)

1º Vice-Presidente
Andre Vargas (PT/PR)

2º Vice-Presidente
Fábio Faria (PSD/RN)

1º Secretário
Marcio Bittar (PSDB/AC)

2º Secretário
Simão Sessim (PP/RJ)

3º Secretário
Maurício Quintella Lessa (PR/AL)

4º Secretário
Biffi (PT/MS)

Suplentes de Secretário

1º - Gonzaga Patriota (PSB/PE)

2º - Wolney Queiroz (PDT/PE)

3º - Vitor Penido (DEM/MG)

4º - Takayama (PSC/PR)

EXPEDIENTE

Doris Marize Romariz Peixoto Diretora-Geral do Senado Federal Florian Augusto Coutinho Madruga Diretor da Secretaria Especial de Editoração e Publicações José Farias Maranhão Diretor da Subsecretaria Industrial	Claudia Lyra Nascimento Secretária-Geral da Mesa do Senado Federal Rogério de Castro Pastori Diretor da Secretaria de Ata Zuleide Spinola Costa da Cunha Diretora da Secretaria de Taquigrafia
--	--

CONGRESSO NACIONAL

SUMÁRIO

1 – ATA DA 9^a SESSÃO CONJUNTA (SOLENE), EM 6 DE MAIO DE 2013	01138	
1.1 – ABERTURA	01138	
1.2 – FINALIDADE DA SESSÃO		
Destinada a homenagear o transcurso de mais de quarenta anos de dedicação à vida pública do ex-Ministro da Justiça, ex-Deputado, Sr. Fernando Lyra.....	01138	
1.2.1 – Execução do Hino Nacional Brasileiro		
1.2.2 – Oradores		
Senador Pedro Simon.....	01138	
Deputado Roberto Freire	01142	
Senador Jarbas Vasconcelos.....	01144	
Deputado Wolney Queiroz	01146	
Senador Cristovam Buarque.....	01147	
Deputado José Genoíno	01150	
Senador Rodrigo Rollemberg	01151	
Deputado Gonzaga Patriota	01154	
Deputado Sérgio Guerra.....	01155	
Senadora Vanessa Grazziotin.....	01156	
Sr. João Lyra, Vice-Governador do Estado de Pernambuco	01157	
Senador Valdir Raupp	01158	
Senador Eunício Oliveira (art. 203 do Regimento Interno do Senado Federal, primeiro subsidiário do Regimento Comum).....	01161	
Senador Renan Calheiros (art. 203 do Regimento Interno do Senado Federal, primeiro subsidiário do Regimento Comum).....	01163	
1.3 – ENCERRAMENTO.....	01163	
		CONGRESSO NACIONAL
		2 – COMISSÕES MISTAS
CMO – Comissão Mista de Planos, Orçamentos Públicos e Fiscalização (Resolução nº 1, de 2006)	01164	
CMMC – Comissão Mista Permanente sobre Mudanças Climáticas (Resolução nº 4, de 2008)..	01166	
Comissão Mista Representativa do Congresso Nacional no Fórum Interparlamentar das Américas – Fipa (Resolução nº 2, de 2007)	01168	
CCAI – Comissão Mista de Controle das Atividades de Inteligência (Lei nº 9.883, de 1999)	01169	
Comissões Parlamentares Mistas de Inquérito	01170	
Comissões Mistas Especiais	01172	
		3 – CONSELHOS E ÓRGÃO
Conselho da Ordem do Congresso Nacional (Decreto Legislativo nº 70, de 1972)	01175	
Conselho de Comunicação Social (Lei nº 8.389, de 1991)	01176	
Representação Brasileira no Parlamento do Mercosul (Resolução nº 1, de 2011)	01177	

Ata da 9ª Sessão Conjunta (Solene), em 6 de maio de 2013

3ª Sessão Legislativa Ordinária da 54ª Legislatura

Presidência dos Srs. Cristovam Buarque e Roberto Freire

(Inicia-se a sessão às 11 horas e 35 minutos e encerra-se às 14 horas e 25 minutos no Plenário do Senado Federal.)

O SR. PRESIDENTE (Cristovam Buarque. Bloco/PDT – DF) – Um bom dia a cada um e a cada uma.

Declaro aberta a sessão solene do Congresso Nacional destinada a comemorar o transcurso de mais de 40 anos de dedicação à vida pública pelo ex-Ministro da Justiça e ex-Deputado Federal Fernando Lyra.

Compõem a Mesa os seguintes nomes: o Deputado Roberto Freire, que assinou, comigo e com o Senador Jarbas, a convocação desta sessão, o Senador Jarbas Vasconcelos, a viúva do homenageado, Srª Márcia Lyra, e o Vice-Governador de Pernambuco e irmão de Fernando Lyra, João Lyra Neto. (*Palmas.*)

Convido a todos para, de pé, ouvirmos o Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.)

O SR. PRESIDENTE (Cristovam Buarque. Bloco/PDT – DF) – Quero fazer referência a algumas pessoas que estão presentes, e, aos poucos, durante a sessão, citaremos outras.

Obviamente, além do Deputado Federal Sérgio Guerra, que convidado para fazer parte da Mesa, cito a Deputada Raquel Lyra, de Pernambuco, Juliana, Patrícia e Renata Lyra, filhas, os irmãos Angelice e Gilberto Lyra, os netos Caio, João Henrique, Luiza, Maria Fernanda e Pedro Henrique, o Embaixador do Suriname, Sr. Marlon Mohamed Hoesein, o Embaixador da Eslováquia, Sr. Milan Cigán, o Secretário Executivo do Ministério da Integração Nacional, Sr. Alexandre Navarro Garcia, o Presidente da Companhia Energética de Brasília, nosso querido amigo Rubem Fonseca, o Deputado Federal Wolney Queiroz, que convidado também para fazer parte da Mesa, o Deputado Genoíno, aqui presente, a quem cumprimento. (*Palmas.*)

Feitas estas referências, nessas sessões, em geral, os oradores, um Senador e um Deputado, se sucedem, começando pelos que convocaram a sessão. Nós vamos manter a ideia de um Senador e de

um Deputado, mas quero que o primeiro orador seja o Senador Pedro Simon, que convidado a fazer sua fala. (*Palmas.*)

Depois, falará o Deputado Roberto Freire, que é um dos signatários desta sessão, seguido pelo Senador Jarbas Vasconcelos, e, assim, sucessivamente, falará um Deputado e um Senador.

Tem a palavra o Senador Pedro Simon.

O SR. PEDRO SIMON (Bloco/PMDB – RS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Querido Presidente, Senador Cristovam; querida esposa, querido irmão e demais familiares do Fernando; Sr. Presidente Nacional do PSDB; distintas autoridades; senhoras e senhores, eu costumo dizer que uma crise política tem o tamanho da falta que pessoas como Fernando Lyra nos fazem. É que a política sem essas mesmas pessoas, como ele, é algo assim como uma construção sem projeto.

Se eu fosse associar a outra profissão o que Fernando Lyra fez na construção da política brasileira, eu diria que ele foi um grande arquiteto no processo de transição política, porque, antes, quando ainda estávamos mergulhados na escuridão do arbítrio, ele foi um verdadeiro mestre de obras na edificação do nosso processo democrático.

Ele era um daqueles arquitetos que conhecia, e conhecia bem, todas as fases da construção política, desde o conhecimento do terreno até a remoção dos entulhos. Aliás, nesse último caso, coube a ele, como Ministro da Justiça do primeiro governo civil após o regime de exceção, remover os entulhos, os “entulhos autoritários”, expressão que ele mesmo cunhou, deixados pelos “passageiros da noite” do arbítrio.

Onde havia a Lei de Segurança Nacional, Fernando Lyra arquitetou a Lei de Defesa do Estado Democrático. Onde havia a censura, ele moldou a liberdade da manifestação na mídia, nas artes e em todos os ofícios. Onde a Polícia Federal agia ao som do grito doloroso dos torturados, ele construiu a defesa do cidadão. Onde a rejeição pelo Congresso Nacional às eleições diretas para Presidente parecia ter aberto um enorme vazio à travessia democrática, ele

desenhou pontes, unindo laços antes assimétricos no debate político. Com ele, a reforma agrária perdeu o ranço da violência, para se tornar um instrumento de geração da cidadania.

Assim era o Deputado Federal por seis mandatos e Ministro da Justiça Fernando Lyra: um arquiteto quando era preciso traçar linhas políticas; um mestre de obras quando era necessário mobilizar as massas. O trabalho do arquiteto é mais visível depois da obra pronta e tão necessário quando o tempo impõe reparos estruturais a essa mesma construção.

A transição democrática do Brasil teve em Fernando Lyra um dos seus mais importantes artífices. Ele lutou até o último voto para que se restaurassem as eleições diretas para Presidente da República. A sua voz e o seu sotaque eram inconfundíveis nos palanques de todos os comícios, onde um coro de milhões de outras vozes entoava o grito de ordem pela democracia: "Diretas já!".

Ali, ele se juntou a Ulysses, a Mário Covas, a Tancredo, a Teotônio, a Brizola, a Lula, a Fernando Henrique e a muitos outros. Ali, eu me juntei a todos eles. Ali, juntaram-se todos, de todas as vozes e de todos os sotaques.

Rejeitada por uma margem mínima de votos a chamada "Emenda das Diretas Já", os militares, com armas na mão, cercaram o Congresso, pressionando, coagindo muitos a nem irem votar por medo, e parecia que o arbítrio continuaria noite adentro e que toda aquela mobilização popular não teria nenhum efeito.

Eu me lembro, nós nos lembramos do que foi o caos da primeira hora da queda das Diretas Já. O Dr. Ulysses saiu do centro e não queria discutir, nem debater. Para ele, a vida tinha acabado. Discussão nenhuma, debate nenhum! Falar em ir ao Colégio era um tremor. Se o MDB tinha se consolidado na luta, na resistência, na anticandidatura, em não ir ao Colégio e, depois, na luta pelas Diretas Já, para ter candidato, como é que ele ia para o Colégio? Qual era a moral, qual era a força, qual era a autoridade que lhe dava condições para ir para o Colégio?

Foi por uma arquitetura política de Fernando Lyra que a luz apareceu. E a luz se fez naquela que, com certeza, foi uma das melhores parcerias políticas da história brasileira: a construção da candidatura de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral.

De um lado, estava Paulo Maluf ou Mário Andradezza. O Vice-Presidente da República já tinha sido afastado, e ganhou Paulo Maluf a convenção. Daquele lado, estava a continuidade do regime, embora camuflado em mãos civis, porque, ao final, vingou a candidatura malufista. Do lado de cá, estavam aqueles que, embora esconjurassem o tal Colégio Eleitoral, viam aquela

eleição indireta como última e que seria eleito um presidente na vanguarda da campanha pelas Diretas Já.

Durante toda a campanha das Diretas Já, formou-se um conceito. Aprovadas as Diretas Já, a candidatura era de Ulysses; rejeitadas as Diretas Já, a candidatura que aparecia era a do Dr. Tancredo. E Fernando Lyra foi o grande arquiteto da construção e da viabilidade dessa candidatura. E a luz se fez naquela que, com certeza, foi uma das melhores parcerias políticas da história brasileira: a construção de Tancredo candidato.

Tancredo contava com grandes nomes para fazer a coordenação de sua campanha política. Todos aqueles que com ele ocuparam os palanques daqueles memoráveis comícios que reuniram milhões de brasileiros em todo o Brasil poderiam exercer essa missão.

Matreiro em matéria política, competente, capaz, no meio daquele impacto, daquela dúvida do que fazer ou do que não fazer, Tancredo chamou Fernando Lyra, que saiu na frente. Havia pessoas até com mais autoridade política, com mais peso, para assumirem esse papel, até porque Fernando Lyra tinha tomado aquela posição, causando certo impacto. Fernando Lyra vinha do MDB, assim como Jarbas e muitos outros do grupo do MDB autêntico. Naquele MDB, ainda confuso, naquela discussão, em meio a interrogações de qual era o caminho a se apontar, um grupo de grandes nomes do MDB tomou posição. E justiça seja feita: foi esse grupo que saiu vitorioso e que deu a linha do MDB, a linha da movimentação, a linha da vitória.

Fernando Lyra saiu na frente e foi muito competente. Foi muito competente, repito. No Nordeste, numa reunião da Sudene, ele lançou a ideia aos Governadores não só do MDB, mas, inclusive, da própria Arena. Alguns divergiam da candidatura militar. Alguns, se estivessem como Vice-Presidentes, aceitavam-na, mas não aceitavam o Maluf.

Aí Fernando Lyra foi falar com o então Governador do Paraná, José Richa, oriundo do velho PDC – Partido Democrata Cristão. Ele convenceu Richa de que o grande nome era Tancredo, de que, naquela hora, naquele momento, o homem que podia simbolizar o entendimento era Tancredo. E o grande passo para iniciar, para lançar esse movimento tinha de ser dado pelo então Governador de São Paulo, Franco Montoro, porque Franco Montoro, como Governador de São Paulo, ocupava o cargo mais importante que existia. E, normalmente, tradicionalmente, o Governador de São Paulo é sempre candidato.

Então, Richa, que era do PDC antes de ser do MDB, foi a São Paulo falar com Franco Montoro, que foi do PDC antes de ser do MDB: "Isso só pode dar certo, Montoro, se você lançar. Você é o que tem mais autoridade. Você é o Governador do Estado mais im-

portante. Você tem respeitabilidade. No momento em que você, Governador de São Paulo, disser que o homem que une é Tancredo, sai Tancredo.” E o Montoro aceitou. Montoro, Richa e Fernando Lyra foram a Minas e acertaram com Tancredo a candidatura de Tancredo. Ulysses levou algum tempo para aceitar. Embora Ulysses sempre dissesse que jamais aceitaria a candidatura no colégio eleitoral, a grande verdade é que ele, então, defendia a tese de que nós não deveríamos ir ao colégio. Deveríamos, novamente, ou lançar um anticandidato ou denunciar o colégio. E Tancredo ganhou; ganhou, mas morreu antes da posse. E o tal perfume da vitória parecia correr o risco de se transformar novamente em cheiro de chumbo. Assumia o Vice, José Sarney, que manteve a mesma equipe montada pelo Presidente eleito e morto. Ali estavam Aureliano Chaves, Marco Maciel, Francisco Dornelles, Olavo Se-tubal, Antonio Carlos Magalhães, Waldir Pires, Almir Pazzianotto, João Sayad, entre outros tantos nomes de peso na política.

A coordenação, em tese, caberia ao Ministro da Justiça. Ora, não havia melhor nome para o cargo do que Fernando Lyra, para o equilíbrio necessário ao contraditório da realidade. Em nome dessa construção política, um arquiteto, com a sua capacidade de mudar rumos e consciências, sem corrupção, sem atos que lembram os tempos do autoritarismo.

É por isso que esta sessão especial não pode se restringir a discursos que apenas celebram os mais de 40 anos da vida pública de Fernando Lyra. Ele deve continuar ecoando nos corredores, nos gabinetes dos três Poderes da República. De modo especial, no Congresso Nacional. Aí, sim, não será tão somente uma homenagem, mas uma verdadeira celebração.

Falar aqui, a essa longa distância, parece que foi uma coisa meio simples. Aconteceu. Mas, cá entre nós, meus queridos Deputados e Senadores, foi um período complicado; foram horas dramáticas que nós vivemos, situações imprevisíveis que aconteceram.

Primeiro, conseguimos que o povo saísse à rua. Dezenas, centenas, milhares, milhões aclamando as Diretas Já! Foi uma página muito bonita. Sem uma arma, sem uma bala, com as pressões de todos os lados, o povo foi à rua. No início, alguns; ao final, todos. Todos à rua, exigindo as Diretas Já! Acho que essa, talvez, tenha sido uma das páginas mais bonitas da história do Brasil. Grande imprensa contra, Igreja contra, burguesia empresarial contra, militares contra, tudo o que tinha poder e que tinha força contra, querendo que os militares continuassem. Os jovens na rua. Primeiro, alguns.

Ah, vou dizer pela vigésima vez, mas não posso deixar de fazê-lo: no célebre dia do aniversário da cidade de São Paulo, surgiu o primeiro grande movimento

das Diretas Já, em São Paulo. Milhares, milhares, algo que pegou todo mundo de boca aberta, porque ninguém imaginava que apareceria tanta gente.

No Jornal Nacional, da Globo, 19 de janeiro, dia do aniversário da cidade de São Paulo, apareciam as crianças cantando, brincando nos bosques, jogo de vôlei aqui, orquestra sinfônica lá, uma palavra sobre essa questão. E, naquela noite e no dia seguinte, as caminhonetes da Rede Globo foram viradas, foram apedrejadas, e a Rede Globo teve a sensibilidade de entender e passou a apoiar as Diretas Já.

Não ganhou. Foi um dos momentos mais cruéis da nossa história. Marcado o dia da eleição, tudo pronto, tudo certo, normal, este Congresso cercado, todo mundo ameaçado de prisão e de cadeia. O número dos que não vieram, o número dos que não puderam vir porque não conseguiram entrar e o número dos que, de medo, votaram em branco... A Emenda das Diretas Já ganhou fácil. O número dos que foram contra foi insignificante, mas era preciso maioria absoluta, e faltou meia dúzia de votos para ser aprovada.

Por isso, é muito importante, quando nós escrevemos a história real do que foram esses tempos, assim como nós endeusamos, lá na África do Sul, a figura fantástica daquele que foi o grande líder do século passado, 27 anos de cadeia, vitorioso; século de escravidão, de ódio, natural que se buscasse a justiça escavando, levantando e botando na cadeia aqueles que tantos crimes praticaram. Mas ele disse: “Se nós fizermos isso, esse processo não vai acabar. Na verdade, se fizermos isso, também faremos as nossas injustiças, e vai ser um círculo vicioso”. E deu um exemplo que a história marcou e que hoje transforma a África do Sul numa grande nação.

Muitos eram os processos dos que queriam a luta no Brasil. Nós, que defendímos isso que o Fernando Lyra defendeu; nós, que defendímos que a fórmula de sairmos da violência da ditadura e de entrarmos na democracia passava pelo diálogo, pela compreensão do povo, e não pelas balas, que era a tese de Fernando Lyra...

Quando caiu a emenda das Diretas Já, eclodiu uma mobilização no Brasil no sentido de “agora não tem mais desculpa”, “agora é a luta armada”, “agora é a guerra civil”, “agora é irmos para o tudo ou nada”.

Vocês devem se lembrar de como nós pagamos muitas culpas. Nós éramos mal-olhados: “Esses covardes, essa gente do PMDB, esse Pedro Simon... Vão ficar lá até o último guichê. O que eles querem é continuar. Não têm peito, não têm coragem de enfrentar a luta armada, que é para onde nós devemos ir”.

A resposta era uma: aonde nos leva a luta armada? Quais as chances que nós temos de ganhar?

Depois, o próprio embaixador americano escreveu no seu livro, que está aí, que a Quarta Frota estava aqui e que eles esperavam, absolutamente, a resistência. E foi uma deceção não haver resistência. Durante todo o tempo, eles estavam na expectativa de que a luta civil existiria no Brasil. E eles esperavam a chance de entrar, talvez para transformar o Brasil em Brasil do Norte e Brasil do Sul.

Foi difícil aquela caminhada, mas o tempo passou, e a competência da arte de Fernando Lyra e de tantos outros quanto ele – mas ele, o primeiro – deu certo. E Tancredo se elegeu. Mas Tancredo tem uma dívida conosco irreparável: não estava escrito nos nossos acordos que ele ia morrer. E ele morreu. E, aí, assumiu o Sarney.

Eu era dos que eram contrários inclusive ao Sarney como Vice. Dizia que, se abrissemos mão de Ulysses, porque reconhecíamos que o Ulysses havia dito tanto desaforo... Era uma guerra verbal tão grande contra a ditadura, que ficava difícil nos unirmos em torno dele. Então, dizíamos que a mesma coisa era Sarney, que era o Presidente da Arena. Se não nos reuníamos em torno do Ulysses, que era o Presidente do MDB, por que nos uniríamos em torno do Sarney, que era Presidente da Arena? Mas ele ganhou praticamente por unanimidade. E vamos fazer justiça ao Presidente Sarney: os grandes compromissos da aliança democrática ele cumpriu.

Não digo manter o ministério de Tancredo, porque manter o ministério de Tancredo era o necessário para ele assumir; e assumir com credibilidade popular. Ele entendeu, e todos entenderam, que ele assumir, e assumir junto com ele todo o ministério do Tancredo, era a continuidade natural. Se ele fosse se aventurar em demitir o ministério e escolher um dele, naquela hora, não era o momento. O dele, ele escolheu um ano e pouco depois, quando houve uma reforma absolutamente correta em cima do Plano Cruzado.

Sarney, justiça seja feita, convocou a Constituinte; justiça seja feita, promoveu a abertura, legalizou os partidos de esquerda – PC, PCdoB –, terminou com a censura à imprensa, e nós cumprimos as nossas missões.

Tenho para mim que essa tenha sido, talvez, a página mais bonita da história do nosso País. Na história do nosso País, infelizmente, não temos grandes páginas gloriosas nos grandes momentos. A descoberta foi por acaso; a independência, um rei tirou a coroa da cabeça, botou na cabeça de um filho e disse: "Fica com ela, antes que outro pegue"; a República foi um golpe de Estado, ninguém sabia; as leis sociais, que, em todo mundo, é luta, é guerra, é força, é o povo na rua exigindo, no Brasil, num regime em que não havia

democracia, o presidente baixou por decreto as medidas sociais sem nenhuma luta e nenhum esforço nesse sentido.

Por isso, se olharmos a nossa história, essa talvez tenha sido a história mais bonita que nós conhecemos. Essa história em que Fernando Lyra teve a coragem de lutar e de vencer, com paz, com ordem, com harmonia, sem o derramamento de uma gota de sangue, foi o momento mais grandioso da história do Brasil, na minha opinião. Porque houve, volto a repetir, militares de todos os escalões; a Igreja, com Deus, Pátria e família, e de rosário da mão, desfilando por todo o Brasil; a burguesia e o empresariado, fechando, dando dinheiro e tudo o mais, um mar de dinheiro que se dava para os deputados candidatos do governo, a intervenção escandalosa nesse sentido. Tudo isso é por demais conhecido. E sem o derramamento de um tiro, da maneira mais democrática e mais aberta, derrotou-se o Colégio. Como dizia Tancredo: "Vou para o Colégio para derrotá-lo". Passamos pela dificuldade da morte de Tancredo, assumiu Sarney, e cumprimos o nosso compromisso.

E aí está o Brasil com o mais longo período de democracia que já vivemos. Projetos que vão reconhecer, independente das oposições e dos equívocos que nós apresentamos. Nós, hoje, vivemos um outro Brasil: na nossa economia, na maneira corajosa de enfrentar os problemas, no mundo em que, hoje, o Brasil é um nome respeitado, suas ideias se impõem à admiração da sociedade mundial. Hoje o Brasil vive um momento importante, e não podemos esquecer o Fernando Lyra.

Não podemos esquecer aquele Deputado, Ministro brincalhão, alegre e competente, mas que soube, naquela sua maneira afável, avançar: avançar entre o Dr. Ulysses e o Dr. Tancredo, entre Tancredo e Teotônio, entre Sarney, etc. e tal. E fez o que parecia impossível, ele que não tinha cargo, não era da Executiva, não era governador, não tinha uma grande liderança política... Ele tinha a liderança dele, a capacidade, eu diria até a genialidade, da competência de fazer. E isso ele fez. E a nós outros, cá entre nós, com toda a sinceridade, temos o mérito de tê-lo acompanhando. O nosso mérito é o de ter-lhe dado força. Ao invés de tentar boicotar, dificultar, criar problema, nós seguimos o esquema de acalmar o Dr. Ulysses, de acalmar as pessoas, de acertar o partido, de tentar trazer os que não queriam, para que viessem. E fizemos uma grande vitória, uma vitória em que não houve nenhuma preocupação em ganhar e pegar o poder para nós. Não houve. Ganhamos a eleição. Quer no primeiro Ministério do Tancredo, quer nos Ministérios do Dr. Sarney, em nenhum momento nós tivemos a preocupação de nos manter no poder, de ficar no poder a qualquer custo.

Por isso hoje se fala em muitas coisas. Hoje, forças que estavam unidas naquela época, estão divididas. Mas mesmo nessa divisão, os que estão no poder – Dr. Lula e companhia – hão de reconhecer que, embora com não muita grande frequência, nem muita grande ação deles, eles ganharam no episódio, porque o episódio deu certo.

Por isso eu trago meu abraço muito fraterno à memória de Fernando Lyra, um amigo por quem tenho grande carinho e grande respeito, uma pessoa que dava gosto chegar perto dele. Ele dava ânimo; ele dava estímulo; ele era uma pessoa otimista e que olhava para frente e aceitava os desafios. E por mais duro e por mais pessimista que fosse, ele terminava te levando junto.

É com muito carinho que eu trago aqui um abraço muito profundo. Nos meus 83 anos, me honra muito ter vivido aquele momento, ter participado daquele momento e, sob o comando de lideranças inteligentes, como Fernando Lyra, termos tido a vitória que nos permite estar aqui, neste momento.

Muito obrigado, Presidente. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Cristovam Buarque. Bloco/PDT – DF) – Eu creio que está explicado por que pedi ao Senador Pedro Simon para ser o primeiro a falar nesta solenidade, pela sua força, sua experiência e sua capacidade de transmitir emoção.

Eu passo a palavra agora ao Deputado Roberto Freire, que é signatário desta solenidade. (*Palmas.*)

Depois será a vez do Senador Jarbas Vasconcelos, também signatário da presente sessão.

O SR. ROBERTO FREIRE (Bloco/PPS – SP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Cristovam Buarque; Senador Jarbas Vasconcelos; Deputado Wolney Queiroz; Deputado Sergio Guerra; Vice-Governador João Lyra; cara Márcia, viúva de Fernando Lyra, cujos familiares e amigos eu saúdo; senhoras autoridades, senhores e senhoras, nestas sessões de homenagem normalmente se faz um recorrido da vida do homenageado.

O Senador Pedro Simon fez do homem público. Eu poderia fazer do homem público e do companheiro de luta política e de vida, até porque aqui vejo inúmeras pessoas com quem convivi em momentos importantes da minha vida. Mas eu sou também muito levado, nestas sessões de homenagem, a tentar fazer certo contraponto com os tempos vividos nesse momento, para não ficarmos só na saudade.

Fiz até um discurso meio burocrático, lembrando Fernando, por exemplo, que conheci recém-saído da Faculdade de Direito de Caruaru e que se elegeu deputado estadual. Seu pai era um dos líderes importantes de Caruaru. Tempos difíceis, de uma oposição muito

pequena do MDB na Assembleia de Pernambuco, e eu já militante do Partido Comunista Brasileiro, mesmo sem conhecer direito Fernando. Conhecia muito Marcos Freire – e aqui está Carolina –, gozava da intimidade da família e de Marcos Freire, especialmente. Mas na eleição de Fernando para Deputado Federal eu votei em Fernando e em Jarbas Vasconcelos, que era a chapa indicada pelo Partido Comunista Brasileiro, então na clandestinidade. Embora minha estreita relação com Marcos Freire e pouco conhecimento, apesar de ser um dos fundadores do MDB, junto a Jarbas, Fernando Lyra e outros, Cristovam Buarque também, vários amigos e companheiros da luta universitária. Apesar de tudo isso, votei na chapa indicada. E o indicado era Fernando Lyra.

E aí estreitei um pouco mais as relações. Mais do que isso, iniciamos o que depois se transformou num grande movimento de massas, talvez o maior de toda a história republicana brasileira. Mas começou quase do nada, do medo, do afastamento, da distância, da dificuldade em fazermos com que o MDB existisse nos Estados brasileiros, dificuldade maior ainda nos Estados do Nordeste – como sempre, o Brasil dos grotões mais atrasados representando forças conservadoras, tanto na ditadura como agora, no Governo atual – e a dificuldade de ir para o interior. E eu me lembro que íamos sempre acompanhados de Pepeu, de quem os caruaruenses se lembram muito, de Fernando Lyra, Jarbas Vasconcelos e Marcos Freire – e eu, sem ter nenhum mandato, mas militante político –, para fazer as campanhas e a implantação do MDB.

Íamos em dia de feira, porque as pessoas não corriam para as suas casas. Ficavam encostadas nas paredes, mas nos ouviam. Porque era difícil até que nos ouvissem. Tempos que prepararam exatamente os grandes movimentos que o Senador Pedro Simon nos contou, com sua rara e quase sempre felicidade, e que, com sua participação, com a participação de todos nós, menores, mas, de qualquer forma, participantes, como o povo anônimo brasileiro, devolveram a todos nós a liberdade e a democracia.

Lembro-me que a eleição de 1970 foi num momento em que o MDB – inclusive por meio de seus setores mais radicalizados – imaginou que era tempo de desistir desse tipo de luta. Foi um período de tendência à autodissolução do MDB. Jarbas deve se lembrar muito desse período, da dificuldade que foi, assim como o Senador Pedro Simon, até porque o Rio Grande do Sul também foi um dos focos de resistência à ideia da grave derrota sofrida pelo MDB nas eleições de 1970, período do milagre, da grande popularidade do maior ditador de todos esses anos de chumbo, o Sr. Médici, que tinha tremenda popularidade. Por isso mesmo, é

bom lembrar, para os tempos de hoje, que isso não significa nada de fundamental em relação ao que a sociedade pode avançar. Isso não é nenhum fator de medição de coisa alguma, salvo, talvez, junção com celebridade, mas nunca com futuro, nem com liberdade.

Pois bem, a nossa grave derrota em 1970 levou setores do MDB a propugnarem pela autodissolução. E eu me recordo de Fernando Lyra junto conosco, o Partido Comunista Brasileiro na ilegalidade, com Jarbas, Marcos Freire, setores do MDB do Rio Grande do Sul, contra essa tese, que era a do desespero, era a de imaginar enfrentar uma ditadura militar com alguns golpes de alguns grandes brasileiros, corajosos brasileiros, mas que, evidentemente equivocados, imaginavam derrotar o regime com gestos da luta armada.

Foi um outro grande momento, talvez esquecido porque era um momento em que pouco se falava da oposição, que fez, no Recife, um encontro... Interessante esse encontro, porque, em 1970 – por agora, abril, maio –, na Assembleia Legislativa de Pernambuco, foi um encontro que saiu com a tese, contestada pelos setores mais conservadores da oposição brasileira, os setores mais liberais, qual seja, a tese da Assembleia Nacional Constituinte, das Diretas Já e da Anistia. Um tripé que, em 1970, causava arrepios, porque era o auge do regime militar e de sua popularidade. E vinham alguns loucos, lá de Pernambuco, porque aquilo foi patrocinado pelo MDB pernambucano, com teses como essas, que demoraram mais de sete anos para serem absorvidas pelas grandes lideranças nacionais, o que resultou, inclusive, no processo de anistia em 1978.

Nesse momento, esse grupo de Pernambuco, liderado por Jarbas Vasconcelos, tinha em Fernando Lyra um dos grandes sustentáculos, como em Jarbas Vasconcelos e Marcos Freire. Lembro bem alguns daqueles momentos, sem grande dimensão, mas que representavam aquilo que fazia parte de minha vida: Paulo Cavalcanti, Byron Sarinho, Mano Teodósio (Manoel Teodósio) – e basta dizer Mano que todos os pernambucanos entendem; talvez, aqui, para os Anais, seja melhor dizer Manoel Teodósio, de uma família reconhecidamente de comunistas em Pernambuco.

Falo isso porque é importante mostrar que, junto a Fernando, nesse tempo todo, estivemos nós. E não era um homem de formação de esquerda em sua origem, mas que teve a capacidade e a sensibilidade – coisas que não faltavam em Fernando – para entender que o caminho era o da luta democrática consciente, da mudança e da transformação.

Poderia falar mais aqui de Fernando Lyra nas campanhas, com seu vozeirão, grande orador de massas, que, normalmente, criava problemas aos que viessem falar após seu pronunciamento, pois ele era, reconhe-

cidamente, um grande orador de massas, o que muito nos ajudava. Recordo-me dos grandes comícios em Caruaru. Eu realmente tinha com Fernando Lyra um excelente relacionamento. Isso eu guardo até hoje.

Trazendo para o momento, eu gostaria só de dizer que Fernando Lyra, na sua sensibilidade e inquietação, não se dava por satisfeito com o que era dado, com o que parecia que era o que iria acontecer. Era o que normalmente todos esperavam da oposição, mesmo dos seus setores mais avançados. Mas ele estava sempre pensando em criar algo, em tentar inverter.

Lembro-me, em 1974, quando, em Pernambuco e no Brasil todo – mas lá em Pernambuco inicialmente –, como tivemos, no Sul do País, Montoro, com um papel significativo, das campanhas para o Senado da República, que, naquela oportunidade, significou um primeiro grande sinal de que nós estávamos revertendo o jogo, que começava a ditadura militar, ali, a dar os primeiros sinais de que seus tempos estavam contados. Ainda iria demorar um pouco, mas ali já havia indícios, tal como há agora que já chegou o tempo daqueles que não estão respeitando nem as instituições democráticas, nem republicanas no seu afã de permanecerem no poder.

Talvez Fernando Lyra, hoje, estaria imaginando como criar mecanismos, alternativas, como articular aquilo que pudesse significar a superação desse momento, dessa fase, a criação do novo. Com essa capacidade que ele tinha, eu, agora, fico imaginando – e pode ser até mais fácil de imaginar vindo de Pernambuco –, quem sabe, o novo. Quem sabe tentando fugir da dicotomia fácil, porque bem definida, de uma oposição e um governo, que, evidentemente, não têm maiores definições, até porque não está, de forma concreta, nada muito orgânico nem nada consolidado.

E digo isso para trazer, de Fernando Lyra, que, se lá estivesse, provavelmente estaria articulando, em nível nacional, alternativas. (*Palmas.*)

Eu quero dizer que não tenho essa mesma sensibilidade e capacidade, mas, como convivi muito com Fernando Lyra, eu pretendo, pelo menos, trazer minha contribuição para dizer que o novo precisa ser construído no País. É por isso que, depois de certa idade, conversando com Caroline, dizia: “é incrível que, depois de uma certa idade, ainda me meta em aventuras”.

Ainda lhe deram um partido que tem uma longa tradição, que vem dentro de uma compreensão de fenômenos e de que o mundo indica que, talvez, instituições datadas da sociedade industrial vão deixar de existir, entre elas um partido político, que é coisa datada exatamente do surgimento da classe operária alemã, no final do século XIX. Isso está iniciando o seu desaparecimento da história.

Ainda não chegou o novo, mas o novo já está aí, já começa a dar sinais, e, nesse sentido, imaginávamos também, acompanhando esse processo, não termos partidos terminativos. Mudamos desde 1992, inclusive na raiz da grande crise do chamado socialismo real, com a sua extinção em grande parte dos países que conviviam com esse regime.

Desde lá, estamos tentando construir uma alternativa que englobasse um pensamento democrático e de esquerda. Agora se oferece uma oportunidade. Não sei se seremos capazes de, integralmente, a utilizarmos, mas estamos tentando.

Isso me faz lembrar um episódio em que Fernando Lyra, naquilo que o Senador Pedro Simon lembrou, cunhou a ideia – e no Brasil toda a oposição dela se apropriou – da chamada remoção do “entulho autoritário” quando da derrota do regime no colégio eleitoral.

E, aqui, é bom se salientar que, talvez, esse seja um dos grandes momentos da vida de José Sarney. Fazemos oposição, somos oposição, mas uma coisa importante num regime democrático em que se respeita o pluralismo é reconhecer, mesmo quando fazemos oposição, aquilo que o oposicionista pode ter feito de marcante. Sarney foi um Presidente que cumpriu alguns dos compromissos, talvez os compromissos fundamentais, do que significou a eleição de Tancredo Neves.

O Simon lembra que não foi adepto da candidatura Sarney. Talvez a oposição como um todo não o fosse, mas muitos da oposição – e aí eu me incluo – entendiam que era fundamental que tivéssemos como vice alguém que de lá viesse e que nos ajudasse a derrotar o regime militar. E Sarney, nisso, realmente, foi um democrata nesse momento, fazendo com que esquecêssemos todo o seu período de sustentação do regime militar, porque cumpriu com esse compromisso básico de remover o entulho autoritário e convocar a Assembleia Nacional Constituinte.

Em um dos entulhos autoritários, Fernando Lyra teve papel significativo. Nós estávamos, no momento, lutando pela legalização do Partido Comunista Brasileiro. Era uma outra época. Hoje, nós estamos com alguns mecanismos de criação de partidos, críticas aos partidos, talvez em função dessa superação que este mundo moderno está fazendo de algumas instituições, inclusive o partido político, motivo de crítica generalizada. Por conta disso, a criação de partidos, no Brasil, recebe críticas as mais diversas, os obstáculos são cada vez maiores, e até mesmo o governo tenta, através de uma aberração jurídica, invadir, efetivamente, a competência de interpretação constitucional, porque quer mudá-la com uma lei ordinária como essa, que impede a criação de partidos.

Todo esse processo, antigamente, no final da ditadura militar, era muito simples. Eram 101 fundadores, publicação no *Diário Oficial* de programa, manifesto e estatutos, e registro no TSE. Fizemos tudo isso, faltando a publicação no *Diário Oficial*, porque os militares não queriam que se legalizasse o Partido Comunista Brasileiro.

Havíamos legalizado todos os partidos. Os comunistas, não. E essa era, evidentemente, uma das questões que impediam que tivéssemos a plenitude democrática e a liberdade para todos, até porque nós não tínhamos.

E Fernando Lyra, Ministro da Justiça, nos ajudou, junto a Sarney, na publicação no *Diário Oficial* e na legalização do Partido Comunista Brasileiro, e daí seguiu-se a plena liberdade no País, preparando sociedade para a Assembleia Nacional Constituinte.

São também alguns exemplos, hoje, de Fernando Lyra, político consagrado nacionalmente.

Apresentei algumas das minhas vivências, quando Fernando Lyra dava os seus primeiros passos, e quero dizer que nós precisamos dar muitos passos ainda para frente, e Fernando Lyra pode nos ajudar nisso.

Muito obrigado. (*Palmas*)

O SR. PRESIDENTE (Cristovam Buarque. Bloco/PDT – DF) – Concedo a palavra ao Senador Jarbas Vasconcelos, que também é signatário da presente comemoração. (*Palmas*.)

Peço ao Deputado Roberto Freire que assuma a Presidência, tendo em vista que esta é uma sessão do Congresso, e não só do Senado.

O Sr. Cristovam Buarque deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Roberto Freire.

O SR. JARBAS VASCONCELOS (Bloco/PMDB – PE. Pronuncia o seguinte discurso. Com revisão do orador.) – Meu caro Deputado Roberto Freire, presidente desta sessão do Congresso Nacional, meu caro Senador Cristovam Buarque, que junto com Roberto formalizou o pedido para a realização desta solenidade, eu queria homenagear a família de Fernando Lyra, na pessoa de sua esposa, Márcia; homenagear as três filhas, Renata, Patrícia e Juliana; os irmãos, Gilberto, Angelice e João, este último, atual Vice-Governador de Pernambuco; homenagear Marcelo Teixeira, seu cunhado. Essas homenagens dirigem-se, especialmente, a você, Márcia. Nós a conhecemos há muitos anos e sabemos da sua formação, da sua grandeza, da sua amizade. Reduzindo em poucas palavras, você é uma pessoa do bem. (*Palmas*)

Eu queria fazer como o deputado Roberto Freire e improvisar meu discurso, contar fatos da vida de

Fernando Lyra. Mas a gente chega a uma determinada idade que é preciso tomar cuidado para não ser traído pelas emoções. Por isso, na homenagem de hoje, resolvi redigir o meu discurso.

Em outra oportunidade homenageei Fernando desta mesma tribuna, em sessão do Senado, mais precisamente em 19 de fevereiro deste ano, poucos dias depois de seu desaparecimento. Fiz questão de vir à tribuna para fazer uma sincera homenagem a essa grande figura humana que foi Fernando Lyra. Infelizmente, não pude ir ao funeral porque, quando da sua morte, eu estava fora do País. Lamentei muito, mas não deixei de homenageá-lo, mesmo sendo minha admiração notória e todos sabendo o que sempre achei de Fernando. Outros senadores assim também fizeram, a exemplo de V. Ex.^a Senador Cristovam, que vai usar a tribuna e, tenho certeza, fará um belíssimo discurso.

Para mim, é motivo de muita honra reverenciar a memória de Fernando Lyra. Faço isto com imenso respeito, pois acredito fortemente que a gente deve valorizar personalidades exemplares, que sirvam de modelo especialmente para as novas gerações e especialmente quando essa pessoa fez da política, que anda tão em baixa, o seu quase sacerdócio.

Quando a gente olha para a história de Fernando, percebe que dificilmente ele teria procurado outro caminho que não fosse o da vida pública. Desde muito cedo, Fernando mostrou que tinha a política no coração e na mente. E essa vocação surgiu num momento difícil da história do Brasil, quando o País amargava um regime ditatorial, que tolhia as liberdades democráticas, cassava mandatos populares, perseguiu, torturava e matava.

Devo ressaltar que, para fazer política naqueles dias, principalmente quando se estava na oposição, não bastava apenas ter a vocação; era necessário, também, muita coragem, física inclusive, e isso Fernando sempre teve de sobra. Uma força admirável que o levou também a enfrentar, com galhardia e perseverança, sérios problemas de saúde.

Tive o privilégio de fazer dobradinha política com Fernando na minha primeira eleição, em 1970, quando disputei uma vaga de Deputado Estadual na Assembleia Legislativa de Pernambuco. Também compartilhamos uma mesma referência política, uma referência de comportamento e de vida na figura do ex-Deputado Egídio Ferreira Lima.

Poucas pessoas se lembram desse fato, mas Fernando chegou a chefiar um jornal, uma publicação de oposição, o semanário *Folha do Povo*. Usou dinheiro do próprio bolso, mesmo sabendo que se tratava de uma missão quase impossível, pois quem iria anunciar num jornal de oposição à ditadura? Ainda mais no Nordeste,

te, região sempre tão dependente da boa vontade de Brasília – infelizmente, uma triste realidade que ainda persiste. A *Folha do Povo* terminou fechando, vítima da falta de anunciantes.

Essa breve incursão na imprensa talvez explique a forte ligação que Fernando sempre teve com esse importante segmento da sociedade, sempre teve com os jornalistas. Após sua morte, fui procurado por alguns desses profissionais da mídia, que falavam com admiração e respeito de Fernando, deixando claro que ele sempre buscou construir amizades ao longo das décadas, indo além das formalidades existentes entre o repórter e a fonte das notícias.

Sr. Presidente, Sras. Senadoras, Srs. Senadores, familiares e amigos de Fernando Lyra, com seu vozearão peculiar, seu estilo pausado de discursar, Fernando Lyra foi ao embate, percorreu Pernambuco e, depois, todos os Estados deste imenso País. Mas não era apenas a voz de trovão que empolgava todos aqueles que acreditavam num Brasil melhor, que acreditavam que a sociedade brasileira conseguiria deixar para trás aquele momento de trevas, de tristeza e repressão. Fernando tinha voz de barítono, mas também tinha conteúdo. Foi um dos homens mais inteligentes que conheci. Arguto como poucos, hábil, qualificado, Fernando exercia com primor a desafiadora função de articulador.

Exerceu esse papel quando foi um dos criadores do “Grupo dos Autênticos” do velho MDB, que deu uma face de vanguarda à Oposição. É fato que o MDB foi permitido para ser o Partido do “não, senhor”, para dar um verniz democrático ao regime criado após o golpe de abril de 1964. Era uma oposição consentida que começou a mudar justamente a partir da atuação dos “autênticos”.

O “Grupo dos Autênticos” representou, do ponto de vista histórico, uma resistência dentro da resistência, que se mostrou essencial, pois levou o MDB dos gabinetes de Brasília para as ruas e fez com que a Oposição causasse, dez anos após o Golpe Militar, a primeira rachadura no modelo de democracia tocada à base de Atos Institucionais, com a vitória obtida nas urnas em 1974.

Fernando realizou articulação política semelhante, uma década depois, em prol da candidatura de Tancredo Neves à Presidência da República. Acreditou no sucesso quando até o Governador de Minas Gerais era cético. Fernando tinha convicção de que a democracia seria resgatada no Brasil utilizando o próprio instrumento criado pelo regime autoritário. E estava certo.

O Deputado autêntico se unia ao Governador moderado para por um fim a 20 anos de ditadura.

Veio a vitória esmagadora no Colégio Eleitoral, ecoando nas ruas a bela campanha das Diretas Já,

para, em seguida, o Brasil chorar o desenlace trágico da morte de Doutor Tancredo.

O Doutor Tancredo, antes de ser acometido pela enfermidade que o levaria à morte, havia escolhido Fernando para ser Ministro da Justiça, papel que cumpriu com maestria nos 11 meses em que esteve à frente da Pasta. Abriu caminho para que o Brasil jogasse no lixo o “entulho autoritário”, expressão de gênio cunhada por ele mesmo, como tantas outras que legou à história política do País.

Nessa única experiência executiva que teve, Fernando mostrou que poderia ir além de um excelente parlamentar. Soube montar uma equipe de alto nível no Ministério da Justiça, na convicção de que o trabalho a ser desenvolvido naquele período reabriria as portas do País à democracia, consolidada em 1988, com a promulgação da Constituição Federal.

Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Senadores, este foi o Fernando Lyra na sua dimensão política, de luta pela democracia, pela justiça, pelas liberdades em todos os níveis.

Mas existe outro Fernando, que complementava o homem público, o parlamentar atuante e corajoso. O filho, marido, irmão, pai, avô, tio e amigo. Esses personagens conviviam harmonicamente. Fernando era sempre bem humorado, com uma conversa agradável, inspirada. E também gostava da boa bebida, da boa comida.

Essa paixão pela vida marcou a trajetória de Fernando. Para os amigos, era sempre um susto quando surgia alguma notícia negativa sobre a sua saúde.

Porém, após cada nova crise, ele sempre voltava mais animado, disposto, mais um exemplo para todos nós, especialmente para aqueles que fraquejam ao primeiro sinal de dificuldade.

Para concluir esta homenagem que o Senado da República presta a Fernando Lyra, a sua família e a seus amigos, Sr. Presidente, Sras e Srs. Parlamentares, quero recorrer a uma frase do jornalista pernambucano Ivan Maurício, amigo de Fernando, que esteve junto dele em diversas oportunidades, inclusive na experiência da *Folha do Povo*: “A arte de fazer amigos foi o maior legado que Fernando deixou”.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Roberto Freire. Bloco/PPS – SP) – Agradecendo ao Senador Jarbas Vasconcelos, concedo a palavra ao Deputado Wolney Queiroz, do PDT de Pernambuco, indicado pelo Presidente da Câmara dos Deputados.

O SR. WOLNEY QUEIROZ (PDT – PE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Cumprimento o Deputado Roberto Freire, que preside esta sessão solene conjunta do Congresso Nacional, os fa-

miliares de Fernando Lyra, sua esposa, Márcia, suas filhas Patrícia, Renata e Julyana, seus netos, seus genros Paulo, Aziz e Sérgio, o Vice-Governador João Lyra Neto, os demais irmãos, Angelice e Gilberto, sua sobrinha Sabrina, a Deputada Estadual Raquel Lyra, o Deputado Estadual Diogo Moraes, o Senador Pedro Simon, que fez um belíssimo discurso na manhã de hoje, o Senador Rodrigo Rollemberg, a Senadora Vanessa Grazziotin, o meu caro amigo Dr. Alexandre Navarro, Secretário-Executivo do Ministério da Integração Nacional.

Aliás, o Dr. Alexandre Navarro foi porta-voz de um dos principais elogios que recebi do próprio Fernando. Não sei se o Alexandre lembra, mas estávamos aqui no ano de 1995 e 1996. Eu chegava a esta Casa muito jovem, ainda imaturo, e ocupei a tribuna na hora do Grande Expediente. Alexandre Navarro era, à época, assessor da Liderança do PSB na Câmara e tinha Fernando Lyra como seu Líder. Fernando estava no plenário, no fundo, e escutou meu discurso. Depois, Alexandre me contou que Fernando disse que eu falei muito bem, que estava me firmando como Parlamentar. Isto, para mim, foi um grande elogio, não somente por ter vindo de Fernando Lyra, mas, principalmente, porque, na época, nós éramos adversários em Caruaru, em Pernambuco. Então, para mim foi um grande elogio naquele dia.

Queria também saudar aqui a presença de Marcelo Teixeira, Márcia Lyra, Luciano Vasquez, Presidente do Lafepé, do publicitário Edson Barbosa, de Lamartine de Oliveira e Neidinha, amigos da família que estão aqui prestigiando esta sessão, dos Senadores Cristovam Buarque e Jarbas Vasconcelos e do Deputado Sérgio Guerra, também subscritores do requerimento da sessão solene.

O imortal educador pernambucano Paulo Freire disse que todo ato político é um ato pedagógico. Isto porque a ação do Parlamentar ou do Executivo incide diretamente na vida das pessoas e gera consequências que serão aceitas ou serão combatidas e, às vezes, serão aperfeiçoadas pela sociedade. Isso implica pensamento, raciocínio, discussão, e é desse modo que o senso crítico se forma e a consciência política se constitui, se elabora e produz a evolução das pessoas e dos grupos sociais.

Fernando Lyra foi um pedagogo, além de ter sido um praticante da sabedoria política. Aprendeu muito, e muito bem, e, melhor ainda, compartilhou o seu conhecimento luminoso com os que o cercavam.

Além de amigo bem humorado e cordial, como disse o Senador Jarbas, ele era um filósofo intuitivo que sabia tirar dos fatos a visão clarividente e objetiva da melhor estratégia a seguir. Para felicidade do seu

povo, do povo brasileiro, sua mente privilegiada sempre focalizou o bem comum, o melhor para todos, sobre tudo para os excluídos, aqueles mais necessitados da justiça social e do suporte imediato do Poder Público.

Se este discurso que hoje faço parecer o agradoamento de um aluno ao seu mestre, isto também é verdadeiro. Eu tive a sorte de, ainda criança, contar com o incentivo sincero de Fernando Lyra já nos meus primeiros passos nas campanhas eleitorais em Caruaru. Entre os 9 e os 17 anos de idade, as dicas, os elogios, as críticas suaves e, mais tarde, as discussões mais profundas ajudaram a elaborar e dar consistência aos meus atos como militante político, como vereador e, depois, nos sucessivos mandatos que ocupo na Câmara dos Deputados.

Mas Fernando não foi somente uma referência para o discurso ou o posicionamento parlamentar; ele significou um exemplo vivo ao pautar a sua atuação em uma luta permanente pela democracia e numa corajosa opção por um país com liberdade social e direitos igualitários. E não há nada mais educativo do que o exemplo pessoal de uma vida coerente, dedicada, voltada radicalmente para os ideais mais elevados. Tenho, portanto, gratidão a Fernando e orgulho por ter seguido sua bússola, seu norte, ainda jovem Parlamentar na Câmara Federal.

Foi rico e pedagógico acompanhá-lo nas duras disputas provinciais em Caruaru, no enfrentamento da truculência e da estreita visão dos conservadores, mas vencemos – às vezes, juntos e, às vezes, separados, mas vencemos – e, até hoje, com a Frente Popular, somos a principal parcela da hegemonia política da maior cidade do interior de Pernambuco, o que, mais uma vez, é motivo de alegria e, mais ainda, do reconhecimento do gênio político e da coragem cívica de Fernando Lyra.

Se nos planos local e estadual a presença dele foi marcante e vitoriosa, na campanha pelas Diretas Já, a sua voz poderosa e sempre bem orientada esteve ao nosso lado nos momentos mais delicados e difíceis, nas crises, nos tempos de sofrimento, de incerteza e de medo.

Homenagear Fernando Lyra, então, é celebrar a vitória da vida contra a morte e a afirmação dos valores democráticos contra o autoritarismo e as tentações totalitárias. Festejar a presença dele como símbolo e emblema é confirmar que os grandes líderes deixam “a vida para entrar na história”.

Fernando Lyra foi um pedagogo dos mais eficazes, tanto que nunca tolheu a liberdade de quem dele absorvia as lições de vida e de atuação política. Assim, quem seguiu o nosso eterno Ministro da Justiça sabe hoje buscar caminhos e acreditar sempre na criativi-

dade, na coragem e na inteligência estratégica. Ele foi um amigo sem ser invasivo ou restritivo; foi um grande exemplo, sem cair no personalismo ou na arrogância; foi um brasileiro que honrou seu povo e que enalteceu, como poucos, o papel valioso desempenhado pelos políticos que honram seu mandato.

Tomara que sejamos dignos do exemplo de Fernando Lyra! Tomara que saibamos seguir suas lições nestes tempos conturbados e complexos! Ele já cumpriu tarefas essenciais e nos mostrou caminhos e rumos a seguir. Que sejamos seus discípulos a conduzir a democracia e a busca da igualdade ao melhor destino! Que estejamos à altura dos desafios da atualidade e sejamos também pedagogos da verdade, da coerência e do bem comum!

Obrigado, Fernando Lyra. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Roberto Freire. PPS – SP)

– Obrigado, Deputado Wolney Queiroz.

Com a palavra, o Senador Cristovam Buarque, signatário desta sessão.

O SR. CRISTOVAM BUARQUE (Bloco/PDT – DF)

Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.)

– Boa tarde a cada uma e a cada um dos presentes!

Querida Márcia, por seu intermédio, cumprimento todos aqueles que aqui estão, os amigos, os companheiros de luta e os familiares, até porque, talvez, seja a única aqui que faz parte total destes três grupos: amigos, políticos e familiares.

Quero começar dizendo que é difícil falar sabendo que Fernando Lyra não nos vai escutar, nem nos vai telefonar depois para dizer o que achou bom e o que não achou bom, para discutir se o que foi dito sintoniza com as necessidades do momento histórico que o Brasil exige. É difícil falar sabendo que ele não vai escutar, mas é exatamente por isto, meu caro João, que a gente está aqui para homenageá-lo: pela realidade que era a figura de Fernando Lyra.

Há pessoas que passam pela vida, mas há outras que vivem a vida. Fernando Lyra foi uma dessas pessoas. Ele não passou por aí pela vida. Ele, de fato, agiu e usufruiu a vida que o mundo lhe deu.

Nós não estamos aqui porque ele foi apenas um amigo importante, mas porque, mais do que amigo, ele soube cativar cada um de nós com seus gestos, com suas palavras, com seus telefonemas a qualquer hora, com sua solidariedade constante até diante dos menores problemas que cada um de nós pudesse ter.

Há pessoas que passam pela vida. Há outras que vivem a vida, e Fernando Lyra foi uma dessas pessoas. Há pessoas simpáticas e outras profundamente empáticas, e Fernando Lyra foi uma dessas. A simpatia de Fernando ia muito além do riso franco, das gargalhadas profundas. Ele não apenas conversava com a gente,

ele mergulhava nas conversas que tinha com cada pessoa como se só ela existisse naquele momento.

Ele estava presente nas alegrias e nas tristezas. Ele tinha uma habilidade de tecelão para tecer redes, criando laços de amizade dele com as pessoas e dos amigos entre eles.

Por isso, há pessoas muito simpáticas, outras profundamente empáticas, e Fernando Lyra foi uma dessas.

Há políticos que buscam vitórias eleitorais. E há outros que buscam usar a vitória para transformar seu país, e Fernando foi um desses. Em qualquer momento de sua carreira de 40 anos, ele nunca deixou de ter clareza dos objetivos para os quais queria usar as vitórias que viesse a ter, em nenhum momento. Desde o início, deixou claro por palavras e gestos que sua luta era pela democracia no Brasil. Fernando Lyra faz parte de uma geração que construiu sua carreira política na longa noite de chumbo do pesadelo autoritário.

Em Pernambuco, dos 11 companheiros de partido do antigo MDB, que se elegeram com ele para a Assembleia Legislativa, apenas dois não foram cassados nominalmente. Mas, logo em seguida, Fernando e os outros tiveram a cassação sob a forma do AI-5, que, mesmo mantendo essas pessoas em cargos, proibiu o desempenho da atividade política na sua plenitude.

Ingressando na Câmara Federal na Legislatura de 1970, empenhou-se vivamente na luta pela restauração das liberdades democráticas. Desafiou os apoiadores do regime do arbítrio. Não raro, seu nome estava nas listas dos Parlamentares a sofrerem processos de cassação.

Fernando Lyra construiu seu perfil político, portanto, nesse caldo de luta oposicionista contra a ditadura militar. No MDB, que, naquele período, assumia a natureza de ampla frente parlamentar oposicionista, integrava-se com o grupo político de postura mais radical entre os emedebistas e que acabou sendo reconhecido pela alcunha de os “autênticos do MDB”, dos quais aqui está Jarbas Vasconcelos como o principal representante.

Ele foi, portanto, um político não apenas como os outros que buscam vitórias. Ele foi um político de um grupo muito especial, que busca vitória para realizar objetivos a serviço do País.

Há pessoas que deixam marcas na política; outras deixam marcas na história, e Fernando Lyra faz parte desse pequeno grupo. E estes são raros, até porque não é apenas questão de mérito pessoal. Às vezes, isso depende das circunstâncias históricas, desse casamento entre o destino pessoal e o destino da nação.

Fernando Lyra faz parte desse grupo muito seleto de políticos que podem chegar ao final de suas

carreiras vendo a marca que deixaram na história do seu País. Ele soube realizar o casamento entre a coerência da luta e a coincidência do momento histórico que o País vive.

Nenhum grande político seria o político que é se tivesse nascido 20 ou 30 anos antes ou 20 ou 30 anos depois, como, aliás, ele deixa claro nesta frase: “A vida é feita de coincidências e conversas”.

Fernando Lyra, ao lado de outros companheiros, como, inclusive, Roberto Freire, que esteve nessa luta – e me lembro dele desde quando éramos muito jovens; há 46 anos, já lutávamos juntos –, teve papel fundamental na conquista da democracia. Esteve entre os mais fundamentais da base de articulação que permitiu conquistar os votos necessários no Colégio Eleitoral para eleger Tancredo Neves.

Fernando Lyra nunca perdeu a vibração e a resistência do nordestino. Talvez, fosse esse traço da sua personalidade que o aproximava tanto, por afinidades eletivas, da grande força política que foi Miguel Arraes de Alencar.

Como revelou recentemente o Governador Eduardo Campos, Fernando Lyra foi um dos primeiros a encontrar Arraes no exílio, ainda na África, durante a ditadura. Segundo o Governador Eduardo Campos, filho do Governador Arraes, ele, o Lyra, era o portador de notícias para a parte da família que tinha ficado em Pernambuco, porque usava para isso a imunidade como Parlamentar, mas sabendo do fio tênuê sobre o qual essa imunidade sobreviveria dentro do regime militar. Mesmo assim, corria o risco de cumprir esse papel, que, depois, foi fundamental na história do Brasil.

Essa proximidade política e afetiva seria extremamente valiosa na negociação da campanha de Tancredo Neves para a Presidência, quando Fernando Lyra foi um dos principais agentes, ou mesmo o principal, da articulação. Ele foi a pessoa que trouxe Arraes para o lado da eleição de um Presidente civil no Colégio Eleitoral. E, ao trazer Arraes, ele trouxe a esquerda, ele trouxe, inclusive, o PCdoB – está aqui a Senadora Vanessa –, trouxe o próprio PCB, que, talvez, já tivesse a lucidez de vir. A vindia de Arraes foi determinante.

Por isso, há políticos que apenas deixam votos e outros que deixam marcas. Há políticos que apenas circulam pela base da montanha das dificuldades nacionais, há outros que se jogam contra a montanha, mas há outros que enfrentam a montanha, encontrando caminhos alternativos para atravessá-la e chegar ao outro lado, e Fernando Lyra foi um desses. Em nenhum momento, ele deixou de ver o outro lado da montanha, que era o regime militar de chumbo, que nos impedia de ver a democracia. Mas também não foi daqueles heróis – temos de reconhecer o heroísmo deles, e

aqui está o Deputado Genoíno que fez parte desses, e faço isso em homenagem – que se jogaram contra a montanha, nem por meio da luta armada, heróica, nem por meio das diretas necessárias. Ele percebeu, em certo momento, que, para chegar ao outro lado da montanha, era preciso reorientar o caminho a ser seguido. Ele sempre enfrentou a enorme montanha que, então, parecia intransponível.

Por isso, muitos políticos que, até hoje, estão na ativa se acomodaram, preferindo caminhar na base daquela montanha, usando os pequenos benefícios que os bajuladores, em geral, recebem, e muitos deles se contentam com isso. (*Palmas.*)

Fernando Lyra preferiu levantar sua voz forte contra a montanha intransponível e lutar para ir ao outro lado, o lado da democracia.

No contexto da abertura controlada, o País vivia forte crise econômica, acompanhada do esgotamento político do regime. Do movimento popular que resultou na Lei da Anistia, na luta pelas Diretas Já e nos gigantescos comícios, a sociedade civil passou a exigir o retorno à normalidade democrática. Nem a frustração da derrota da Emenda das Diretas abalou Fernando Lyra, que, imediatamente, pôde vislumbrar a possibilidade das eleições diretas apenas cinco anos depois por meio da eleição indireta de um Presidente naquele momento. Essa capacidade de se antecipar, de olhar na frente e de encontrar caminhos é que faz de Fernando Lyra um político diferente.

Mas há políticos que se prendem aos meios, outros que só pensam nos objetivos e outros que usam os meios disponíveis para chegar aos objetivos. Fernando Lyra foi um desses. Há políticos que limitam sua coerência à defesa e ao uso dos meios, perdendo de vista os objetivos.

Foi assim quando muitos de nós, defensores e lutadores pela democracia, prendemo-nos à ideia da eleição direta para Presidente, como se esse fosse o objetivo, e não o meio, para implantar a democracia, e aí se transformar também em um objetivo: as diretas.

Eu me lembro do discurso de Fernando Lyra aqui – a Márcia certamente deve lembrar –, na visita do Rei Juan Carlos, da Espanha, em que ele foi o orador, por alguma razão, em nome do Congresso ou da Câmara, e no seu discurso teve a coragem de dizer, em pleno regime militar, que o rei tinha a legitimidade da dinastia, e que no Brasil não haveria legitimidade para um presidente que não fosse eleito diretamente. Ele teve a coragem de dizer isso. Essa era a lucidez comprometida com o objetivo.

Ele percebeu que as diretas também faziam parte do objetivo, que era a democracia, e não eram o objetivo por ela própria. E, imediatamente, a gente pode

ver como ele foi capaz de entender que o objetivo era a democracia, e não transigiu com esse princípio fundamental, essa razão de ser da política, mas percebeu que as diretas eram um meio, e não a razão da política. E, ao perceber isso, teve a sabedoria e a coragem de enfrentar os meios para chegar aos fins, aceitar um outro caminho para atravessar a montanha do autoritarismo.

Visto com a perspectiva da distância e da vitória, é difícil lembrar hoje como foi difícil convencer muitos coerentes companheiros que não abriam mão dos objetivos democráticos, mas que tampouco abriam mão dos meios até então utilizados, como se o propósito fosse o meio. Fernando Lyra sabia o que era o objetivo, sabia o que era o meio.

Há políticos que, pelo interesse pessoal, transigem com os propósitos. Há outros que justificam qualquer meio para chegar aos fins. E outros que não transigem os propósitos, não maculam os meios que usam com sabedoria. Fernando Lyra foi um desses. Ele não abriu mão dos propósitos, e nem se maculou dizendo que os meios justificavam os fins. Ele não transigiu com os propósitos democráticos, não ficou com preconceitos que amarravam os meios, mas tampouco caiu na tentação de meios que poderiam se chocar com os objetivos. Não acreditava que os meios eram mais importantes do que os objetivos, nem que os objetivos justificavam os meios. Foi capaz de encontrar um caminho para atravessar a montanha pelo uso das eleições indiretas, mas não caiu na tentação, em que muitos caíram, de tentar conspirar por dentro, tentando um golpe militar para desfazer o golpe militar anterior.

Sem abandonar seus propósitos pela democracia, conciliava, no mesmo momento histórico, a capacidade de articulação, a imaginação política e a impressionante capacidade dele de encontrar caminhos. O Senador Jarbas Vasconcelos falou aqui dessa capacidade de Fernando Lyra e da importância que ele teve na construção dessa grande articulação.

Com coragem, sim, pois não foi fácil enfrentar a incompreensão de muitos companheiros e a pressão dos questionamentos sobre mudanças políticas, as quais, ao fim e ao cabo, mostraram-se as mais efetivas e realistas para o momento em que o País vivia, para que chegássemos ao resultado principal, ao alvo de todos: o fim do regime militar.

Com a ampliação de suas atribuições na organização da candidatura de Tancredo Neves, Fernando adquiriu um protagonismo político destacado, credenciando-se a compor a equipe de governo. Muitas vezes, foi solicitado por Tancredo a amarrar composições no amplo e variado espectro da Aliança Democrática, integrada pelo PMDB e pela Frente Liberal. E ele soube

fazer isso, com competência, sem abrir mão de nenhum dos princípios, mas atraindo, trazendo, usando essa capacidade de magnetismo que ele tinha para atrair as pessoas, mas atraí-las para as mesmas causas que tantos de nós defendíamos.

Há políticos que seguiam pelo instinto; outros, por análises. Fernando Lyra foi um excelente analista, mas nunca deixou de ter e usar seu instinto. Era assim quando conversávamos sobre a realidade, e ele antecipava o que ia acontecer na realidade. E, no final, saía-se com uma estratégia que certamente era movida por um forte instinto. O instinto o guiava, mas havia uma análise prévia. Havia uma capacidade de entendimento do que estava acontecendo, no processo de acontecer. Nesse sentido, são tão importantes as palavras do Deputado, ex-Senador, Roberto Freire: “Ele faz falta neste momento”, para analisar como é que está acontecendo o processo nesses últimos anos (não só os da democracia), nesses vinte últimos anos de governos tão parecidos dentro de um modelo com base na estabilidade monetária, na democracia, na distribuição de renda e de um modelo econômico que ficou caduco, com base em *commodities* e indústrias mecânicas. Está-se esgotando esse modelo de vinte anos. Fernando Lyra faz falta, duplamente: no entendimento desse esgotamento, como houve o do regime militar e que teve que cair em pacotes econômicos para poder ter mais tempo e teve que cair também em artifícios legais para sobreviver. Isso é prova de um esgotamento.

Fernando Lyra faz parte, ao usarmos aqui a sua capacidade analítica e o seu formidável instinto. Ele não perdeu a oportunidade, quando disse a Tancredo Neves que Tancredo era o seu candidato, e Tancredo disse: “Isso é loucura!” Ele disse: “Pode ser loucura, Dr. Tancredo, mas não me desminta”, como quem diz: “De fato, é uma lei meio absurda, mas vamos dar tempo para encontrar esse caminho”.

Ali começou a relação que se estreitaria nos próximos anos, fazendo com que Fernando assumisse cada vez mais a condição de articulador político da candidatura de Tancredo Neves. Ele próprio revelou um dia, numa entrevista à Câmara: “Eu não escolhi ser coordenador; eu me transformei em coordenador por conta do processo”. Mais uma vez, a frase das coincidências e das conversas como caminho para um político deixar um marco na história. Há políticos que têm vitórias; outros que deixam marcas. Fernando faz parte deste grupo.

Há pessoas – e eu termino – que, ao morrer, deixam saudades; outras deixam um vazio. Fernando Lyra foi uma destas. Não estamos apenas com saudades, nós sentimos falta, como outros aqui já fal-

ram. Fernando nos deixa esse sentimento de vazio, de ausência, que só se sente na orfandade, porque a orfandade existe também na política. Os filhos não têm apenas saudades dos pais mortos; os filhos têm orfandade. É saudade e mais alguma coisa. Nós sentimos isso hoje, aqui, nesta sessão. Nós sentimos isso com Márcia, Patrícia, Renata, Juliana, João, Roberto, Angelice, Gilberto, Pedro, Fernanda, João, Caio e Luíza. Nós sentimos por sermos irmãos e sentimos porque vimos o que foi a vida de um político que não ficou apenas em busca de votos e vitórias, mas que quis usar os votos e as vitórias para servir ao País. Jamais deixou de querer enfrentar a montanha em frente, mas não necessariamente se jogando contra ela, e, sim, encontrando caminhos.

Por tudo isso é que, hoje, estamos aqui, falando de Fernando, nessa orfandade política, histórica e de amizade que nós temos com essa enorme figura. Foi um dos privilégios da vida de cada um de nós tê-lo conhecido.

Fernando nos deixa órfãos, mas a vida continua.
Viva Fernando! (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Roberto Freire. Bloco/PPS – SP) – Agradecendo ao Senador Cristovam Buarque, eu passo a palavra ao Deputado José Genoíno, pela Liderança do PT, na Câmara. (*Palmas.*)

O SR. JOSÉ GENOÍNO (PT – SP. Pela Liderança. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, João Lyra, Márcia, Sras e Srs. Senadores, eu havia dito ao Cristovam que faria um aparte ao pronunciamento dele. Mas, tendo em vista o protocolo, que não permite apartes, eu não poderia deixar de falar.

Em primeiro lugar, um testemunho: eu conheci o Fernando Lyra quando eu era preso político. Ele foi visitar os presos políticos, em Brasília. Havia um vereador do PMDB com Henrique Santillo e Ademar Santillo. E nos conhecemos. Eu nunca me esqueci o que o vereador disse para ele: “Para eles eu digo que sou moderado; agora, Fernando Lyra, você é autêntico. Mas eu só posso dizer que você é autêntico para os presos políticos”. Naquela época, eu vinha da luta armada, incomunicável, dizia para ele: “Fernando Lyra, você está no Parlamento, mas eu não acredito que a gente faça essa mudança através do Parlamento”. E ele me disse: “Eu sei que a situação de vocês é muito difícil, mas é necessário ter paciência”.

O segundo momento importante desse testemunho foram os diálogos, quando eu cheguei à Câmara dos Deputados, em 1983, com Fernando Lyra. Como eu havia conhecido Fernando Lyra dentro da cadeia – eu, preso político –, então, conversávamos muito sobre os dilemas daquele processo político que o Brasil estava vivendo.

Em parte, Cristovam, você tem razão, por isso que o meu aparte se justificava, quando disse que ele desempenhava um papel de diálogo com a esquerda. E ele dialogava conosco do PT, e o PT estava cindido, se deveria ou não ir ao colégio eleitoral. E ele dialogava pacientemente conosco.

Eu nunca me esqueço das reflexões que fazia. Ele dizia: "Eu sei que é difícil essa multidão da Cinelândia, do Anhangabaú caber dentro do colégio eleitoral. Nós vamos precisar fazer muitas mudanças", porque a campanha das diretas era também uma campanha das mudanças. E ele dialogava conosco sem preconceito. Ele dizia: "Eu entendo as razões, mas é necessário". Nunca esqueço uma frase dele: naquele momento crucial, associar a ética da responsabilidade com a ética da convicção.

Em um terceiro episódio, ele então Ministro da Justiça, e eu, ex-presos políticos, junto com Aldo Arantes, ex-presos políticos, Haroldo Lima, ex-presos políticos, fomos visitar Fernando Lyra com um abaixo-assinado. O Cristovam deve se lembrar daquela pequena crise no Ministério da Justiça, que era a demissão do diretor-geral da Polícia Federal, que constava na lista dos policiais que torturavam presos políticos. Ele recebeu e disse para nós – havia mais Deputados –, Cristovam, essa frase que ele repetiu para mim, quando lançou o livro aqui na Câmara: "As alianças podem ser muito amplas, e devem ser, mas há nós e eles". Aí ele disse para nós: "Eu me comprometo com o fato de que o diretor-geral da Polícia Federal não pode continuar sendo esse delegado". E ele demitiu o diretor-geral da Polícia Federal.

Um quarto episódio. Eu acho importante esse testemunho porque ele é vivo do ponto de vista do resgate de uma pessoa que vive. Logo após a instalação da Nova República, o então Presidente da Câmara era Ulysses Guimarães. Eu pedi a transcrição, nos Anais da Câmara, dos 233 torturadores. Isso gerou uma crise. E, juntamente com Ulysses Guimarães e com Fernando Lyra, Ministro da Justiça, foi arquitetada uma solução. O Pimenta da Veiga me respondia, e o então Deputado, companheiro, ex-presos políticos Airton Soares me responderia. E eu responderia pelo Regimento, mas sem qualquer ar de provocação. E o Ulysses disse, junto com Fernando Lyra: "E o microfone da direita precisa ser desligado. Vai funcionar só o microfone da esquerda". E eu perguntei: "E a lista?". "É isso que você não pode perguntar."

Dali a 15 dias, a lista estava publicada.

Uma personalidade histórica como Fernando Lyra nem pode ser vista como uma espécie de mu-seu morto da História, nem como uma transposição mecânica. Ele vive porque a política, para o Fernando

Lyra, era aquilo que Hannah Arendt fala muito bem: a política é a ação humana libertária, em que paixões, sentimentos, inteligência e lado se combinam para a construção das melhores alternativas.

A crise da política tem de ser solucionada pela política, e a crise da política só pode ser solucionada com uma visão democrática de homens e mulheres que se dedicam a ela com paixão, 24 horas por dia.

Esse foi o Fernando Lyra que eu conheci, com quem convivi, inclusive no lançamento do seu livro de memórias na Câmara dos Deputados.

Essa figura, Sras e Srs. Senadores e Deputados, merece uma homenagem, no sentido de que, na História, ao resgatar essa figura, é como se nós estivéssemos num carro: temos o retrovisor e o para-brisa. Nem podemos ficar só com o para-brisa, nem podemos ficar só com o retrovisor, porque homens e mulheres que fazem a História na dimensão de Fernando Lyra constroem, no presente, aquilo que nós, como militantes que querem transformar o mundo, e transformar o mundo transformado, entendemos: que a autonomia dos humanos constrói as melhores possibilidades.

Essa foi a convivência rica com Fernando Lyra, não apenas no Parlamento. Eu o conheci dentro de uma prisão política, e vinha de uma concepção de que a luta armada era a única solução, e ele convivia com aquela conversa conosco, com um nível de respeito e de consideração que era encantador. E por que era encantador? Porque ele era um homem da política. A política estava nas suas veias, no seu coração, no seu olhar, no seu aperto de mão e no seu abraço de solidariedade.

Inclusive, para concluir, agradecendo a permuta com o Deputado Sergio Guerra, e eu disse que ia falar por pouco tempo, eu quero dizer que, na última vez em que eu o abracei, ele disse para mim: "Genoíno, nunca me esqueci de quando eu te vi lá no presídio, em que estavas incomunicável. Convivi contigo aqui e quero te dar um abraço de muita solidariedade".

Portanto, eu quero dizer para os familiares, para os amigos, para as Sras e os Srs. Deputados, de maneira radical e profunda: Fernando Lyra vive!

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Roberto Freire. Bloco/PPS – SP) – Obrigado, Deputado José Genoíno.

Com a palavra, o Senador Rodrigo Rollemberg, pela Liderança do PSB. (*Palmas.*)

O SR. RODRIGO ROLLEMBERG (Bloco/PSB – DF. Como Líder. Sem revisão do orador.) – Ex^{mo} Sr. Deputado Roberto Freire, Presidente desta sessão e signatário do requerimento; prezados Ex^mos Senadores Cristovam Buarque e Jarbas Vasconcelos; prezado amigo Presidente Nacional do PSDB, Deputado Ser-

gio Guerra; prezado amigo Deputado Wolney Queiroz; prezada Srª Márcia Lyra, em nome de quem quero cumprimentar todos os filhos, netos, parentes e amigos aqui presentes; prezado Ex^{mo} Sr. João Lyra Neto, Vice-Governador de Pernambuco e irmão do homenageado; Sras e Srs. Parlamentares, a dimensão política de algumas figuras públicas pode ser medida pela indissociável relação que sua biografia, a certa altura, estabelece com a história de seu tempo, ao ponto de virem a formar um enredo comum. É o caso do ex-Deputado e ex-Ministro Fernando Lyra, recém-falecido, aos 74 anos, e cuja memória hoje aqui evocamos.

Não se pode contar a história recente do Brasil – a luta contra a ditadura, a luta pelas Diretas Já, o restabelecimento da democracia e a convocação da Assembleia Nacional Constituinte – sem mencionar o papel destacado que Fernando Lyra teve em todo esse processo.

A história ficaria incompleta, desfalcada. Ao se recordar esse período – um dos mais densos e tensos da história do País –, não há como não pensar nele, em sua proximidade e estreita parceria com Tancredo Neves, Ulysses Guimarães, Franco Montoro, Leonel Brizola, Miguel Arraes e tantos outros que auxiliaram a recolocar o Brasil na trilha democrática. E aqui cito o Senador Pedro Simon e o Senador Jarbas Vasconcelos.

Fernando Soares Lyra, socialista e democrata, foi um desses homens públicos seminais, que inspirou lideranças jovens e fertilizou os caminhos por onde passou. Não nasceu para ser coadjutor. Foi sempre líder, desde o início de sua carreira, quando se elegeu Deputado Estadual por Pernambuco, em 1966.

Havia se formado em Direito justamente no ano do golpe, em 1964. De imediato, perfilou-se na luta contra o regime militar. Os partidos políticos haviam sido extintos pelo Ato Institucional nº 2, em 1965, restando apenas a opção de duas legendas para abrigar toda a diversidade político-ideológica do País: o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e a Aliança Renovadora Nacional (Arena). O MDB exerceria a oposição e a Arena, a situação. Fernando Lyra filiou-se ao MDB. Sabia-se que o objetivo do regime era gerar uma encenação democrática, mantendo o Congresso, as Assembleias e as Câmaras Municipais abertas, mas já despojadas de suas principais lideranças, cassadas, exiladas, silenciadas. Eleições diretas para Presidente nem pensar.

Mesmo assim, era preciso resistir. Fernando Lyra foi um dos que entenderam que não devia ser desperdiçada a oportunidade, por mínima que fosse, de ocupar o espaço oposicionista disponível, no caso, o MDB, ainda que privado dos instrumentos essenciais para que a luta política se exercesse efetivamente.

Esses instrumentos haveriam de ser criados, e, de fato, o foram, na luta obstinada e corajosa nos estreitos espaços de legalidade disponíveis. Caberia aos oposicionistas da estirpe de Fernando Lyra ampliar esses espaços de ação e influência.

E assim foi. Eleito Deputado Federal em 1970, Fernando Lyra viria a ser um dos principais líderes nacionais do MDB, cumprindo nada menos que sete mandatos consecutivos na Câmara Federal. Esses sete mandatos contam a história do processo de redemocratização, desde os anos de chumbo do governo Médici até a vitória da chapa Tancredo Neves/José Sarney, de quem Fernando Lyra viria a ser Ministro da Justiça e a cumprir uma audaciosa agenda de remoção do entulho do autoritarismo com a revogação da censura e a preparação do País para a Assembleia Nacional Constituinte, da qual participou como um de seus expoentes.

Pernambucano de Recife, criado em Caruaru, a visão política de Fernando Lyra sempre esteve muito além dos horizontes de seu Estado. Por isso, após as eleições de 1970, viu-se, já eleito, diante de um singular desafio: convencer alguns de seus pares a não levar adiante a ideia de autoextinção do partido. O MDB, sem acesso à propaganda eleitoral e diante de uma imprensa amordaçada pela censura, havia sofrido monumental revés nas urnas.

O fiasco se reproduziria nas eleições municipais de 1972, quando o MDB obteria pouco mais de 10% dos votos. A Arena, partido governista, adquirira tal magnitude, que seu Presidente, Francelino Pereira, chegou a considerá-la – abro aspas – “o maior partido do ocidente”. Um delírio que não iria muito longe.

Fernando Lyra alinhou-se com Ulysses Guimarães e outros democratas na defesa da tese de que, apesar de todos os pesares, seria uma traição ao povo brasileiro desistir.

Mesmo minoritário e sem meios de denunciar os excessos do regime militar e a farsa do milagre econômico, era preciso prosseguir. Era preciso dar conteúdo doutrinário ao MDB, uma frente de tendências diversas, mas com um objetivo comum: a reconquista da democracia.

Esse denominador comum deveria prevalecer por sobre as divergências e gerar uma ação coordenada em todas as instâncias legislativas e chegar aos sindicatos e organizações da sociedade civil, como a CNBB, a OAB e a ABI.

E assim foi: por iniciativa de um grupo de 23 Deputados – entre os quais despontavam, ao lado de Fernando Lyra, nomes como Alencar Furtado, Amaury Muller, Francisco Pinto, Freitas Diniz, Getúlio Dias, Ly-

sâneas Maciel, Marcos Freire, Jarbas Vasconcelos –, surgia o Grupo Autêntico do MDB.

O termo “autêntico” expressava uma determinação de não condescender com o arbítrio, de não fazer vista grossa à violação sistemática dos direitos humanos, que se processava nos porões do DOI-Codi. Em suma, uma oposição verdadeira e corajosa.

Censurado pela grande imprensa, o discurso oposicionista conseguiria furar o bloqueio, ainda que precariamente, graças ao surgimento do que ficou conhecido como imprensa alternativa, pequenos jornais que circulavam em grupos restritos, mas formadores de opinião, como as universidades, as entidades de classe da sociedade civil e as comunidades de base da Igreja Católica.

E foi assim que, quando a economia, no final de 1973, com a primeira crise do petróleo, começou a fazer água, a sociedade brasileira já havia despertado de seu torpor.

O surgimento da Opep, naquela oportunidade, multiplicou os preços dos barris de petróleo. A economia brasileira sofreu um choque profundo, com aumento substancial de preços no mercado interno e início de um processo inflacionário acelerado, que reduziu drasticamente o poder aquisitivo da população.

Fernando Lyra e os Autênticos do MDB souberam captar e capitalizar a decepção de boa parte da classe média brasileira, que acreditara na propaganda do Brasil-Potência, que o regime divulgava com obsessão na mídia.

Foi tal a mudança de paradigma que, na eleição seguinte, de 1974, o regime militar sofreria seu maior revés eleitoral. Das 22 cadeiras em disputa no Senado, o MDB conquistou 16. E começou a propagar com mais força sua mensagem democrática.

É claro que se esperava uma reação da ditadura à altura do revés que sofrera. Para evitar um desastre ainda maior nas eleições seguintes, de 1978, o governo do general Ernesto Geisel fechou o Congresso e editou, em 1977, uma série de medidas arbitrárias, que, conhecidas como Pacote de Abril, garantiram a preservação do regime por pelo menos mais um mandato.

Entre outros absurdos, criou-se a figura do Senador biônico (um terço do Senado eleito indiretamente pelas Assembleias Estaduais e delegados municipais) e foram mantidas indiretas as eleições de governador. Pior ainda: aumentou-se em um ano o mandato presidencial, passando a seis anos.

Mas não foi só: na tentativa de intimidar a oposição, o governo Geisel passou a cassar parlamentares do Grupo Autêntico.

Nomes de peso como Amaury Muller, Alencar Furtado, Nadir Rossetti e Lysâneas Maciel, entre ou-

tro, perderam seus mandatos pelo delito de discursar contra o regime militar, contra o Pacote de Abril, contra um projeto de reforma do Judiciário que nem o Judiciário fora chamado a discutir.

Vozes conciliadoras, intimidadas, se levantaram dentro do MDB, propondo entendimento com o regime.

Fernando Lyra foi um dos que se indispuaram firmemente contra esse recuo. Achava – e esta opinião predominou – que a oposição deveria ser mais oposição que nunca; que os atos do regime militar indicavam temor com o avanço das forças democráticas e que a iniciativa de buscar diálogo deveria partir de quem o havia feito cessar: o próprio regime.

Esse ponto de vista acabou conquistando ilustres Moderados, como o então Senador Paulo Brossard e o Deputado Tancredo Neves, com quem Lyra teve firme discussão numa reunião do partido. Tancredo acabou reforçando o discurso dos Autênticos e se aproximando de Fernando Lyra, que, anos mais tarde, nomearia seu Ministro da Justiça.

A sequência dos acontecimentos é conhecida. O regime militar deu início à abertura política e propôs um diálogo com a sociedade civil, que tinha como um de seus grandes interlocutores o então presidente da OAB, Raimundo Faoro.

O Brasil ainda precisou suportar mais seis anos de governo militar, presidido pelo General Figueiredo, mas algumas conquistas do grupo Autêntico haviam sido obtidas: o restabelecimento do *habeas corpus* e, no final do governo Geisel, a revogação do AI-5.

Já no início do governo Figueiredo, o discurso dos Autênticos se estendera a praticamente toda a oposição. Têm início duas campanhas de opinião pública, às quais Fernando Lyra se associou como uma de suas lideranças: a da Anistia e a das Diretas.

A primeira foi vitoriosa, permitindo que lideranças partidárias banidas pelo golpe de 64, como Leonel Brizola e Miguel Arraes, não apenas retornassem ao País, mas reassumissem o protagonismo político que lhes havia sido suprimido. A segunda campanha, a das Diretas, foi derrotada no Congresso pela ausência de quórum imposta pela situação, mas, para o regime, foi o que se chama de uma vitória de Pirro, uma vitória que lhe saiu pela culatra, pois causou revolta na sociedade e levou à articulação da candidatura de Tancredo Neves pela única via que o regime disponibilizara, o colégio eleitoral.

Foi uma eleição indireta com todas as características de direta, já que Tancredo ocupou os palanques de todo o País e agregou, em torno de seu nome, toda a sociedade civil. Fernando Lyra, mais uma vez, figurava entre os principais articuladores daquela candidatura. Indicado por Tancredo, foi um dos coordenadores na-

cionais de sua candidatura. Eleito Tancredo, foi designado seu Ministro da Justiça.

Tancredo, porém, como se sabe, não chegou a tomar posse. A tragédia de sua morte, às vésperas de sua posse, fez com que seu Vice, José Sarney, assumisse a Presidência. Mas Sarney teve a sensibilidade política de manter o Ministério que Tancredo havia escalado e que correspondia à correlação de forças políticas vitoriosa naquele momento.

À frente do Ministério da Justiça, Fernando Lyra coordenou todo o movimento que ficou conhecido como a “remoção do entulho autoritário”, o conjunto de leis, decretos e normas constitucionais que formavam o arcabouço jurídico do regime extinto e que o Congresso colocou no lixo da história.

Restabeleceu-se a liberdade de organização partidária, legalizando-se os partidos de esquerda – comunistas e socialistas, banidos pelo golpe militar; restabeleceram-se as eleições diretas em todos os níveis; providenciou-se a reintegração dos servidores públicos, civis e militares, demitidos pelo golpe, entre muitas outras providências. Sobretudo, revogou-se, de maneira ampla e irrestrita, a censura, em anúncio histórico que o próprio ministro Fernando Lyra fez, diante de uma plateia de intelectuais e artistas, no Teatro Casa Grande, no Rio de Janeiro, em 1985.

Em 1986, Fernando Lyra deixa o Ministério da Justiça para cumprir missão ainda mais relevante, na sequência de sua trajetória política: candidatar-se a compor, como Deputado Federal, a Assembleia Nacional Constituinte, de cuja campanha havia participado intensamente. Teve, mais uma vez, papel de destaque, integrando a mais importante Comissão da Constituinte, a de Sistematização.

O País já havia mudado substantivamente. O velho MDB – sobretudo o dos Autênticos – já não existia. Diversos deles, peemedebistas, sobretudo os Autênticos, já haviam se filiado a partidos de esquerda. Lyra foi um deles. Em 1987, ainda na Constituinte, filiou-se ao PDT, pelo qual concorreria à Vice-Presidência da República, em 1989, na chapa de Leonel Brizola, que ficou em terceiro lugar. Derrotado, apoiou, no segundo turno, a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva.

Em 1993, por influência de Miguel Arraes, Fernando Lyra transfere-se, para nossa honra, para o PSB, cuja liderança assumiria, em 1996, na Câmara dos Deputados.

Foi sua legislatura derradeira. Lyra deixou o Congresso em janeiro de 1999. Deixou o Congresso, mas não ao ponto de virar as costas para a política, da qual seu espírito se nutria. Participou ativamente das campanhas vitoriosas a governador de Eduardo Campos,

em Pernambuco, de quem seu irmão, João Lyra Neto, é vice; e foi um conselheiro político em tempo integral.

Em 2003, assumiu a presidência da Fundação Joaquim Nabuco, onde permaneceu até 2011.

Foi o último cargo público que ocupou. Ali, em meio ao acervo e à memória de Joaquim Nabuco, que tanto admirava, encontrou inspiração para deixar seu testemunho político: o livro *Daquilo que eu sei – Tancredo Neves e a Transição Democrática*, lançado em 2009.

Nas páginas finais desse livro-testamento, Lyra consignou a expectativa com que via o surgimento de duas lideranças políticas, segundo ele predestinadas a servir o Brasil, o Governador Eduardo Campos, neto de Miguel Arraes e Presidente do PSB, e o Senador Aécio Neves, do PSDB.

Sobre eles escreveu:

Eduardo e Aécio, dois grandes netos de dois grandes avôs. Contemplando os dois, nas suas diferenças e semelhanças, vejo se unirem, na emoção, os pontos culminantes da minha existência e reaprendo a lição de que na história, como na vida, o ponto nunca é final.

E não é mesmo! O legado de Fernando Lyra continua a inspirar, influir e orientar a nova geração de políticos democratas que o sucedem na missão de construir o Brasil de liberdade e justiça social com que todos sonhamos.

Viva Fernando Lyra!

(Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Roberto Freire. Bloco/PPS – SP) – Quero agradecer ao Senador Rodrigo Rollemberg e conceder a palavra ao Deputado Gonzaga Patriota, do PSB de Pernambuco.

(Palmas.)

O SR. GONZAGA PATRIOTA (PSB – PE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Deputado Roberto Freire, quero cumprimentar os colegas Wolney Queiroz, Sérgio Guerra; cumprimentar o Senador Cristovam Buarque; o Vice-Governador de Pernambuco, João Lyra Neto; a Sra Márcia, as filhas do querido Fernando Lyra – Patrícia, Renata, Juliana –, os netos e as netas.

Senhoras e senhores, eu tive a honra de conhecer Fernando Lyra em 1970, quando criávamos o diretório do MDB, em Salgueiro, onde fui Presidente. E, lá, estavam Fernando Lyra, Roberto Freire, Marcos Freire e algumas outras Lideranças do MDB. Assumi o partido em Salgueiro e, logo nesse mesmo ano, Fernando Lyra já saía candidato a Deputado Federal; e eu fui acompanhando.

Em 1976, o Fernando Lyra, juntamente com outras lideranças, a exemplo de Marcos Freire, pediram-me para sair candidato a prefeito em Salgueiro.

Naquele tempo, o MDB era temido, e ser candidato pelo MDB era muito difícil. E me faltaram dois votos. Alguém pergunta: para vencer? Eu digo: “não; para ter mais de quinhentos”. Conseguí naquela época 499 votos, mas tive a honra de continuar fazendo política.

Em 1982, elegia-me a Deputado Estadual e tive a honra de ser colega de João Lyra Filho, pai de Fernando Lyra, pai de João Lyra, que, inclusive, me incentivou a me candidatar a Deputado Federal Constituinte, em 1986, que era a coisa mais difícil do mundo. E, aqui, reencontrava-me com Fernando Lyra como Deputado, meu Líder e um Deputado que nos ensinou muito.

E aqui venho, com muita honra, em nome do meu partido, o Partido Socialista Brasileiro, homenagear o transcurso de mais de 40 anos de dedicação à vida pública do ex-Ministro da Justiça e ex-Deputado Fernando Lyra.

Fernando Lyra ingressou na vida pública dizendo a que veio. Eleito Deputado Estadual pelo MDB de Pernambuco, em 1966, fez parte dos Autênticos do MDB, grupo de parlamentares que, dentro e fora do Congresso Nacional, combatia o regime militar empunhando a bandeira do retorno das liberdades democráticas ao Brasil.

Foi eleito Deputado Federal em 1970, em 1974, 1978, 1986.

Com o fim do bipartidarismo, ingressou no PMDB. Voltou à Câmara, em 1982. Mandato este que não chegou a concluir, uma vez que foi convidado a assumir o Ministério da Justiça, no governo Tancredo Neves/Sarney. Indicado por Tancredo em reconhecimento ao papel de coordenador político da transição à democracia em 1985.

Foi Deputado Federal novamente em 1986, depois, já pelo PDT, e candidato a Vice-Presidente da República na chapa de Leonel Brizola nas eleições de 1989.

Filiado ao meu partido, o Partido Socialista Brasileiro, retornou à Câmara em 1993. E, para minha honra, para a honra de Pernambuco e de meu partido, assumiu a liderança do Partido Socialista Brasileiro.

Mesmo sem mandato, a política jamais deixou de ser o seu xodó. Prova incontestável disso foi o importante papel por ele desempenhado na campanha vitoriosa de Eduardo Campos para governador, com seu irmão, João Lyra Neto, na chapa como vice-governador de Pernambuco, em 2006. Papel este que viria a repetir-se em 2010, quando da reeleição acachapante e histórica nacional em que Eduardo Campos conseguiu 83% dos votos em Pernambuco.

Em 2009, brinda-nos com o livro *Daquilo que eu sei – Tancredo e a Transição Democrática*. A obra retrata, com muito brilho e muita precisão de detalhes, o período histórico das “Diretas Já” e da derrubada da ditadura militar.

Seu falecimento, no dia 14 de fevereiro deste ano, não consternou apenas o povo pernambucano, mas todos os rincões do País e, muito especialmente, o Congresso Nacional, particularmente a Câmara dos Deputados.

Nesse dia inesquecível, o Governador Eduardo Campos decretou luto oficial de três dias, em Pernambuco. E, manifestando forte sentimento de saudade e companheirismo, o governador despediu-se do querido amigo com estas palavras: “Ele fez política com paixão. Marcou sua geração e outras também. O Brasil perde um grande pernambucano. Fernando Lyra foi um homem feliz. Terei sempre a imagem dele vivo, lutando pela democracia” – concluiu Eduardo.

Sem dúvida, Fernando Lyra foi um exemplo de homem público e incansável defensor das instituições democráticas a favor do povo brasileiro.

Encerro sintetizando a trajetória desse grande exemplo de pernambucano e brasileiro, com as palavras dele próprio:

Aprendi a construir, no dia a dia, um dia diferente do outro, cada dia um dia especial é único. Uma ação necessariamente transformava outra, traço impeditivo de rotinas e planejamentos de longo prazo, e assim minha estrada foi construída sem mapas, nem guias nem calendários.

Muito obrigado.

(Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Roberto Freire. Bloco/PPS – SP) – Agradeço ao Deputado Gonzaga Patriota.

Com a palavra o Presidente do PSDB Nacional e Presidente do PSDB de Pernambuco, Deputado Sérgio Guerra, por especial atenção da Senadora Vanessa Grazziotin.

(Palmas.)

O SR. SÉRGIO GUERRA (PSDB – PE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Presidente Roberto Freire, Márcia Lyra, senhores membros da Mesa, Governador João Lyra, familiares e amigos de Fernando Lyra, pernambucanos, brasileiros aqui presentes, vou dar algumas breves palavras sobre um amigo e um companheiro de grande qualidade.

Primeiro, quero dizer que, para os pernambucanos em geral, de todos os partidos e de todas as tendências, Fernando Lyra é um orgulho democrata, sobretudo democrata. Das suas muitas virtudes, e são

tantas, eu destacaria, entre todas, esta: a de ter sido, na vida pública, democrata convicto e um democrata praticante.

A história de Fernando se confunde com todo um clima no qual prevaleceu sempre o ambiente democrático. Fernando era uma pessoa que tinha grandes atributos pessoais, uma grande capacidade de sedução, uma enorme paciência, uma enorme capacidade de convencimento, mas ele era, sobretudo, um democrata, alguém que convivia com a discordância, alguém que convivia com o contraditório, alguém que não se chocava com a disputa, que não a temia, não era daqueles que renunciavam à palavra.

Algumas pessoas virtuosas têm tanta prudência que se esquecem de ter as ideias. Fernando Lyra era uma pessoa que não dava muita importância à prudência, que não a valorizava de forma absoluta. Ele está muito longe de ter sido um aventureiro, mas foi, significativamente, uma pessoa corajosa e uma pessoa que gostava do contraditório. Ele gostava de discordar – coisa que muita gente, hoje, não tem coragem de fazer –, gostava de concordar, sempre que tinha convencimento, e fazia tudo com enorme sentimento, com enorme convicção. Essa convicção ele passava a todos: aos que estavam a seu lado e aos que não estavam a seu lado, mas que o respeitaram a vida inteira.

Acho que Pernambuco homenageia Fernando Lyra com muita justiça; que o Senado o faz também com grande justiça, a Câmara dos Deputados do Brasil também, o Congresso Nacional também. No final, todos homenageamos um grande brasileiro. E eu tenho certeza de que o seu papel na vida pública do Brasil, na grande conciliação e na construção deste País, é um papel que vai, seguramente, marcar a nossa história democrática.

São estas as palavras e meus sentimentos à família Lyra. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Roberto Freire. Bloco/PPS – SP) – Agradeço ao Deputado Sérgio Guerra.

Com a palavra a Senadora Vanessa Grazziotin, pela Liderança do PCdoB.

A SR^a VANESSA GRAZZIOTIN (Bloco/PCdoB – AM. Pela Liderança. Sem revisão da oradora.) – Muito obrigada, Deputado Roberto Freire, que preside esta sessão, da qual participo com muito orgulho e prazer.

Cumprimento a Deputada Moema São Thiago, que está também entre nós, quero cumprimentar o Deputado Sérgio Guerra, que foi muito sintético na sua explanação, entretanto muito profundo naquilo que falou e, tenho certeza, nos sentimentos para com um conterrâneo seu que é homenageado no dia de hoje, quero cumprimentar o Vice-Governador do Estado de Pernambuco, João Lyra Neto, irmão de Fernando Lyra,

quero cumprimentar o Deputado Wolney, com quem tive a oportunidade de trabalhar na Câmara dos Deputados, quero cumprimentar a Sr^a Márcia Lyra e, na pessoa dela, todos os familiares, filhos, genros, cunhados, todos os familiares, netos, netas e amigos que aqui estão para esta homenagem mais do que merecida.

Sr. Vice-Governador, ouvindo atentamente os discursos, eu vi aqui alguns Parlamentares filiados ao PSB, outros tantos vindos lá do querido Estado amigo de Pernambuco, outros... E nós ouviremos, daqui a pouco, as palavras do Presidente em exercício do PMDB, Partido em que militou, durante muito tempo, Fernando Lyra.

Digo que não venho de Pernambuco, nunca fui filiada ao PSB e tampouco ao PMDB, mas sou de um Partido, que é o Partido Comunista do Brasil, que deve muito à luta de muitos brasileiros, não só dos militantes do nosso Partido, mas de muitos brasileiros, como Fernando Lyra, que resistiram bravamente, duramente, a um período dos mais difíceis por que o nosso País já passou, um período de exceção, um período em que não havia democracia.

Eu sou Senadora pelo Estado do Amazonas. Fui Deputada, cheguei à Câmara exatamente quando saía Fernando Lyra, mas tive a felicidade, a alegria de conhecê-lo.

Considero esta homenagem, repito, extremamente justa. Um homem que faleceu jovem ainda, não só jovem na idade – tenho certeza de que suas filhas e sua esposa poderão falar até melhor do que eu –, mas no pensamento, porque não é jovem aquele que tem pouca idade, mas é jovem aquele que tem ideias inovadoras, que tem ideias modernas, que tem ideias revolucionárias e sempre voltadas à melhoria e à boa qualidade de vida da nossa gente querida.

Faleceu aos 74 anos, no mês de fevereiro, depois de prestar grandes serviços ao País.

Eu me lembro muito bem da figura marcante de Fernando Lyra, principalmente em duas campanhas importantes: na campanha das Diretas Já e na campanha de Tancredo Neves à Presidência da República.

Na época, eu era uma militante do movimento estudantil, mas, como uma jovem brasileira, como tantos brasileiros, participei ativamente daquele momento importante da história da reconstrução da democracia em nosso País. De longe, eu prestava muita atenção em Fernando Lyra, que esteve em meu Estado algumas vezes para falar da anistia, para fazer comícios das Diretas Já, e pensava em como era importante para o Brasil ter pessoas como Fernando Lyra.

Sem dúvida nenhuma, a atuação de pessoas como Fernando Lyra e outros brasileiros e brasileiras me trouxe para o caminho da política, para o caminho

da boa política, não da política que é vendida hoje à população, mas da boa política, aquela que faz com que seja possível a construção de um mundo melhor, com que seja possível, de fato, a distribuição de renda para a nossa gente.

Eu admirava muito não só a capacidade de articulação de Fernando Lyra, mas também a forma entusiástica como ele falava e envovia a todos que o envolviam.

Fernando Lyra tem toda uma vida dedicada ao país e ao seu Estado de Pernambuco. Formado em Ciências Jurídicas e Sociais, em Caruaru, Fernando Lyra foi Deputado Estadual pelo MDB. Estou repetindo o que aqui já foi dito, mas faço questão de repetir. Eleito Deputado Federal em 1970, o ex-Ministro da Justiça fazia parte do MDB “autêntico”, que abrigou tantos dos militantes. Roberto Freire sabe, pois era ele do PCB e nós do PCdoB, que todos tínhamos no PMDB, à época MDB, a casa democrática onde todos se abrigavam, e lá estava Fernando Lyra enfrentando a ditadura militar.

Foi reeleito pelo MDB para dois mandatos, em 1974 e 1978. E, como foi dito também pelo Deputado Patriota, que me antecedeu, com o fim do bipartidarismo, Fernando Lyra ingressou no PMDB em 1980 e foi reeleito Deputado Federal em 1982, retornando à Câmara em 1993, já filiado ao PSB, onde ficou até 1998.

Sobre sua luta, disse Fernando Lyra à revista *Carta Capital*:

Quando conquistei meu primeiro mandato, havia uma ditadura no País que tinha a pretensão de parecer uma democracia e criou um partido de oposição. Entrei nele e, apesar de todas as dificuldades, da ameaça que pesava sobre nossas cabeças, da cassação de mandatos, de prisões, torturas e assassinatos de parlamentares, o MDB se transformou em importante espaço de luta democrática. Hoje, com a democracia instalada, os momentos gloriosos tornam-se raros.

Depois da derrota da campanha das Diretas Já, Fernando Lyra foi um dos primeiros a se aproximarem de Tancredo Neves e acabou sendo um dos seus ordenadores de sua campanha. Mesmo com a posse do ex-Presidente José Sarney – assino embaixo de tudo foi dito pelo Deputado Roberto Freire –, temos um profundo reconhecimento ao ex-Presidente José Sarney, que foi, de fato, quem cumpriu os compromissos de restabelecimento da democracia, de legalização do Partido Comunista do Brasil, assim como do PCB, e que devolveu a possibilidade de sairmos às ruas e dizermos “este é o meu partido, nele estou filiado” sem

temer a qualquer policial que pudesse vir nos prender por simples liberdade de expressão.

Como dito aqui, ele foi candidato a Vice-Presidente nas eleições de 1989.

Este brevíssimo relato que faço – fiz questão de vir a esta tribuna para falar não só em meu nome, mas em nome de meu Partido, o Partido Comunista do Brasil, pois o nosso Líder, Senador Inácio Arruda, não está aqui, está no seu Estado, o Ceará, mesma região do querido Estado de Pernambuco – eu faço em nome de um Partido a quem os militantes, dirigentes e, principalmente, aqueles que conviveram muito de perto com Fernando Lyra devotam muito carinho. Não só por respeito ao político que foi, mas pelo carinho à pessoa que foi e continuará sendo sempre.

Aqui, nós estamos vendo, desde o início da sessão, algumas fotos históricas importantes e algumas frases. Numa delas estavam palavras de Fernando Lyra: “os fatos e atos políticos de hoje serão a história de amanhã”. E Fernando Lyra é parte dessa história. Por isto, Fernando Lyra jamais morrerá. A pessoa, o corpo vai, mas as ideias e o legado ficarão, sem dúvida nenhuma.

Muito obrigada.

Meus cumprimentos e carinho, principalmente a seus familiares.

Obrigada. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Roberto Freire. Bloco/PPS – SP) – Agradeço à Senadora Vanessa Grazziotin.

Com a palavra, representando a família, o Vice-Governador de Pernambuco, João Lyra. (*Palmas.*)

O SR. JOÃO LYRA – Meu caro Presidente Roberto Freire, na pessoa de quem eu saúdo todos aqueles que passaram pela Mesa Diretora desta homenagem, os Deputados Sérgio Guerra e Wolney Queiroz, os Senadores Vanessa, que aqui esteve, e Jarbas Vasconcelos, o próprio Roberto Freire, que aqui esteve, o Deputado Gonzaga Patriota e o Senador Pedro Simon.

Minhas palavras são de agradecimento. São de agradecimento pela iniciativa do Congresso Nacional, pela propositura inicial – subscrita por tantos outros – do Senador Cristovam Buarque, que teve que se ausentar por um compromisso que tinha, uma palestra na Universidade de Brasília, do Deputado Roberto Freire e de tantos outros companheiros que subscreveram o pedido para esta sessão solene.

À Márcia, às minhas sobrinhas, filhas de Fernando, Julyana, Renata, Patrícia, aos netos, aos meus irmãos, que estão aqui presentes, Gilberto e Angelice, às minhas sobrinhas, à minha filha Raquel, à sobrinha Sabrina, à Mércia, ao genro de Fernando, aos amigos, a todos eu gostaria de agradecer.

Quero dizer que nós, os da família, independentemente de termos atividades políticas ou não, sentimo-nos muito felizes e honrados neste dia, que é um marco histórico para nossa família e para nossos amigos.

Da Mesa, vi os netos de Fernando; cinco deles estavam aqui. Com certeza, Deputado Roberto Freire, eles verão esta sessão solene no futuro, quando adultos, e vão se sentir da mesma forma que nós nos sentimos: orgulhosos e honrados. Eles vão se orgulhar e se honrar do avô, por sua passagem brilhante, dita por várias origens políticas, dita pelas pessoas que tinham mais moderação na condução política e por aqueles que defendiam a luta armada, como foi dito aqui pelo Deputado Genóíno.

Durante toda essa trajetória, nós, seus amigos e familiares, ficamos muito orgulhosos. E ficamos sensibilizados e agradecidos ao Congresso Nacional.

Para encerrar minhas palavras, trago uma mensagem do Governador Eduardo Campos que faço questão de ler nesta ocasião:

Em nome de todo o povo do meu Estado de Pernambuco, quero manifestar minha homenagem a um dos maiores pernambucanos de toda a nossa história, um homem que fez parte da galeria onde estão Nabuco e Miguel Arraes. Gostaria de estar presente, mas minhas atividades de Governador e outros compromissos inadiáveis me impediram, mas não podia deixar de enviar esta minha homenagem a Fernando Lyra.

O Brasil deve sua democracia a alguns nomes, e Fernando Lyra é um deles. Seu trabalho, sua capacidade analítica e, acima de tudo, seu instinto político foram fundamentais para substituir o regime militar e autoritário pelo regime civil e democrático.

Todo o País deve agradecer a esse pernambucano, e, com orgulho, agradecemos ao destino, que fez dele um de nossos filhos.

A vocês todos, o meu agradecimento em meu nome pessoal e em nome de Márcia Lyra, uma companheira fraterna e solidária, que, na Assembleia Legislativa de Pernambuco, foi homenageada e efusivamente aplaudida por toda a plateia que lá estava.

Márcia, você, com toda a nossa família, mas você, fundamentalmente, foi uma companheira leal, fraterna e, acima de tudo, solidária na vida de Fernando.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Roberto Freire. Bloco/PPS – SP) – Meus cumprimentos ao Vice-Governador João Lyra!

Eu daria a palavra ao último orador, que é um Senador, a quem quero dizer que temos um tempo meio exíguo para encerrarmos a sessão e convocarmos a sessão do Senado.

Concedo a palavra ao Presidente do PMDB e representante da Minoria nesta Casa, o Deputado Valdir Raupp, ou melhor – desculpe-me! –, o Senador Valdir Raupp. (*Palmas.*)

O SR. VALDIR RAUPP (Bloco/PMDB – RO. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Todos têm a mesma importância, Deputados e Senadores, para o Congresso Nacional e para a democracia brasileira.

Quero cumprimentar o Presidente desta sessão e signatário do requerimento, o Sr. Deputado Federal Roberto Freire; o Presidente Nacional do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), o ex-Senador e hoje Deputado Federal Sérgio Guerra; o Ex^{mo} Sr. Deputado Federal Wolney Queiroz; a Sr^a Márcia Lyra, em nome de quem quero cumprimentar todos os familiares aqui presentes; o Vice-Governador de Pernambuco, irmão do homenageado, Sr. João Lyra Neto; as Sras Senadoras e os Srs. Senadores; os senhores convidados; as minhas senhoras e os meus senhores.

Esta é uma daquelas sessões comemorativas que são importantes porque nos lembram do quanto é grande o Parlamento brasileiro e de como a democracia nasce fundamentalmente nas discussões que são realizadas nos plenários da Câmara dos Deputados e do Senado Federal.

O nome de Fernando Lyra tem um peso na construção da democracia brasileira que não pode ser negligenciado. Eu diria mais: na verdade, se o Brasil hoje é democrático é porque tivemos homens com a força moral, a determinação e a coragem cívica de um Fernando Lyra.

Nascido em 1938, em Recife, iniciou sua carreira política em 1996, quando foi eleito Deputado Estadual em Pernambuco. Em 1970, é eleito pela primeira vez Deputado Federal, cargo que ocuparia por oito mandatos, até 1999.

O começo da década de 70, nunca é ocioso lembrar, foi um dos períodos mais sombrios do regime militar. Fernando Lyra, já naquele momento, posiciona-se de maneira firme, compõe parte do chamado “grupo autêntico” do Movimento Democrático Brasileiro, o MDB, que se manifestava em favor de uma postura mais firme de enfrentamento ao regime militar, ao contrário da postura mais conciliadora, defendida pelos moderados do Partido.

O próprio Fernando Lyra afirmou em entrevista: “Quando conquistei meu primeiro mandato, havia uma ditadura no País [...]. Este trecho já foi dito pela Sena-

dora Vanessa Grazziotin, mas Fernando Lyra dizia que o PMDB, na época o MDB, “transformou-se em importante espaço de luta democrática”. E eu acrescentaria aqui que isso se deu sob a liderança firme de Ulysses Guimarães, nosso timoneiro do MDB.

Na década de 1980, com a eleição de um civil para a Presidência da República, Fernando Lyra participa de outro momento decisivo na construção da democracia do nosso País. Em 1984, ele se engajou na luta pelas eleições diretas e percorreu o País ao lado de lideranças políticas como Tancredo Neves e Ulysses Guimarães. Com a derrota, na Câmara dos Deputados, da emenda que previa o restabelecimento das eleições diretas para Presidente da República, Fernando Lyra partiu para uma alternativa: articulou o lançamento da candidatura de Tancredo Neves à Presidência pelo voto indireto, através do Colégio Eleitoral.

A candidatura de Tancredo foi vitoriosa, e Fernando Lyra ganhou importância política no novo governo. Na formação do Ministério de Tancredo, que ficou conhecido como Nova República, Lyra foi escolhido pelo novo Presidente do Brasil para ocupar a Pasta da Justiça. Com a doença e a morte de Tancredo, assumiu o Vice, José Sarney, que manteve Lyra no Ministério da Justiça. Juntos, eles iniciaram um governo de transição muito importante para o nosso País.

Na condição de Ministro da Justiça, ele se vê na posição de enfrentar aquilo que ele próprio batizou de “entulho autoritário”, ou seja, o conjunto de normas jurídicas composto de atos institucionais, de decretos-lei, de decretos secretos, bem como as instituições que formavam a base de sustentação ideológica e política do regime militar. Desmontar esse sistema seria passo fundamental da criação do Estado democrático de direito em nosso País.

Como ele próprio afirmou em seu discurso de posse como Ministro, a democracia se faria por meio da “participação de todo o povo”.

No comando do Ministério, as ações levadas a cabo por ele incluem, por exemplo, a extinção do Conselho Nacional de Censura, bem como a liberação de obras literárias ou cinematográficas que ainda estavam proibidas no País.

Além disso, criou comissão a fim de reformular a legislação do período militar, de modo a compatibilizá-la com a democracia. Deixou como legado anteprojetos que visavam, por exemplo, a reformular a Lei de Estrangeiros e a Lei de Segurança Nacional, além de sugerir uma Lei de Acesso à Informação, que permitiria o aumento da transparência na relação entre cidadão e Estado.

(Soa a campainha.)

O SR. VALDIR RAUPP (Bloco/PMDB – RO) – Importante ainda foi sua iniciativa de revigorar o CDDPH...

O SR. PRESIDENTE (Roberto Freire. PPS – SP)

– Só quero lembrar que V. Ex^a dispõe de mais um minuto. Se não conseguir concluir nesse tempo, o discurso será considerado como lido, para honra, inclusive, da memória de Fernando Lyra.

O SR. VALDIR RAUPP (Bloco/PMDB – RO) – O.k.! Muito obrigado. É que hoje é segunda-feira, o quórum é muito baixo aqui, e a sessão pode demorar um pouco a começar.

Mas encerro aqui, então, minha fala, Sr. Presidente, dizendo que Fernando Lyra foi muito importante para o Movimento Democrático Brasileiro, para o hoje PMDB e – por que não dizer? – para a democracia brasileira. Se o Brasil é o que é hoje, isso se dá graças a homens da têmpera e do timbre de Fernando Lyra.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

SEGUE, NA ÍNTegra, PRONUNCIAMENTO DO SR. SENADOR VALDIR RAUPP

O SR. VALDIR RAUPP (Bloco/PMDB – RO. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sras Senadoras e Srs. Senadores, essa é uma daquelas sessões comemorativas que são importantes porque nos lembram o quanto é grande o Parlamento Brasileiro e de como a democracia nasce, fundamentalmente, nas discussões que são realizadas nos plenários da Câmara dos Deputados e do Senado Federal.

O nome de Fernando Lyra tem um peso na construção da democracia brasileira que não pode ser negligenciado. Diria mais: na verdade, se o Brasil hoje é democrático é porque tivemos homens com a força moral, a determinação e a coragem cívica de um Fernando Lyra.

Nascido em 1938, em Recife, iniciou a sua carreira política em 1996, quando é eleito deputado estadual em Pernambuco. Em 1970, é eleito pela primeira vez deputado federal, cargo que ocuparia por oito mandatos, até 1999.

O começo da década de 1970, nunca é ocioso lembrar, é um dos períodos mais sombrios do regime militar. Fernando Lyra já naquele momento se posiciona de maneira firme, compondo parte do chamado “grupo autêntico” do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que se manifestava em favor de uma postura mais firme de enfrentamento ao regime militar, ao contrário da postura mais conciliadora defendida pelos moderados do partido.

Como o próprio Fernando Lyra afirmou em entrevista: “Quando conquistei meu primeiro mandato, havia uma ditadura no País. Uma ditadura que, como todo mundo sabe, tinha a pretensão de parecer uma

democracia e criou um partido de oposição. Entrei nele e, apesar de todas as dificuldades, da ameaça que pesava sobre nossas cabeças, da cassação de mandatos, de prisões torturas e assassinato de parlamentares, o MDB se transformou em importante espaço de luta democrática".

Na década de 1980, com a eleição de um civil para a Presidência da República, Fernando Lyra participa de outro momento decisivo na construção da democracia.

Em 1984, ele se engajou na luta pelas eleições diretas e percorreu o País ao lado de lideranças políticas como Tancredo Neves e Ulysses Guimarães. Com a derrota, na Câmara dos Deputados, da emenda que previa o restabelecimento das eleições diretas para presidente da República, Fernando Lyra partiu para uma alternativa: articulou o lançamento da candidatura de Tancredo Neves à presidência pelo voto indireto, através do colégio eleitoral.

A candidatura de Tancredo foi vitoriosa e Fernando Lyra ganhou importância política no novo governo. Na formação do ministério de Tancredo, que ficou conhecido como Nova República, Lyra foi escolhido pelo novo presidente do Brasil para ocupar a pasta da Justiça. Com a doença e a morte de Tancredo, assumiu o vice, José Sarney, que manteve Lyra, no Ministério da Justiça.

Na condição de Ministro da Justiça se vê na posição de enfrentar aquilo que ele próprio batizou de "entulho autoritário", ou seja, o conjunto de normas jurídicas, composta de Atos Institucionais, Decretos-lei, Decretos secretos, bem como pelas instituições que formavam a base de sustentação ideológica e política do regime militar. Desmontar esse sistema seria passo fundamental da criação do Estado Democrático de Direito em nosso País.

Como ele próprio afirmou em seu discurso de posse como ministro, a democracia se faria por meio da "participação de todo o povo".

No comando do Ministério, as ações levadas a cabo por ele incluem, por exemplo, a extinção do Conselho Nacional de Censura, bem como a liberação de obras literárias ou cinematográficas que ainda estavam proibidas no País.

Além disso, criou comissão a fim de reformular a legislação do período militar, de modo a compatibilizá-la com a democracia. Deixou como legado anteprojetos que visavam, por exemplo, reformular a Lei de Estrangeiros e a Lei de Segurança Nacional, além de sugerir uma Lei de Acesso à Informação, que permitiria o aumento da transparéncia na relação entre cidadão e Estado.

Importante, ainda, foi sua iniciativa de revigorar o CDDPH – Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana – de modo a fazê-lo um órgão voltado à proteção efetiva do ser humano e ao enfrentamento de toda forma de violência a que poderia ser submetido o brasileiro. A refundação do CDDPH se constitui, sem sombra de dúvidas, em um dos principais legados de Fernando Lyra à frente do Ministério, particularmente porque é fator em boa parte responsável por colocar, de modo permanente, o tema da proteção dos direitos humanos na agenda política brasileira, de maneira permanente.

De volta ao Congresso, Fernando Lyra é um dos destaques da Assembleia Constituinte, projetando-se na Comissão de Sistematização, na qual teve assento como titular.

Coerente com suas ações na vida pública votou, por exemplo, a favor do mandato de segurança coletivo, da proteção do emprego contra demissão sem justa causa, pela jornada semanal de 40 horas e pelo direito de voto aos 16 anos. Democrata, votou contra a proposta que propunha instituir a pena de morte no Brasil.

Em 1989, já filiado ao PDT, foi candidato a vice-presidente na chapa encabeçada por Leonel Brizola, que alcançou o terceiro lugar nas eleições presidenciais daquele ano.

Novamente no Congresso, atua como correedor da Câmara dos Deputados, onde não teve medo de apurar denúncias de corrupção contra alguns deputados, que posteriormente foram cassados. Deixa o Congresso em 1999, após ter decidido não concorrer a novo mandato nas eleições do ano anterior.

Fernando Lyra nos deixou um exemplo do que é ser um parlamentar. Enfrentou o desafio de estar na oposição durante um dos períodos mais difíceis de nossa história política, quando havia possibilidades limitadas de adotar uma postura contrária aos interesses do governo.

Além disso, se manteve convicto no princípio de eleger um civil presidente da República e foi o responsável pelo lançamento do nome de Tancredo Neves, quando muitos ainda duvidavam até que o regime permitiria a eleição de um nome da oposição.

Exemplar, ainda, foi seu comportamento quando ocupou o Ministério da Justiça. À frente daquela Pasta, manteve uma postura honesta, decente e coerente com sua vida política, com seus ideais e princípios, agindo como um dos construtores da democracia brasileira. Concluo esse pronunciamento, em nome da presidência nacional do PMDB, agradecendo a Fernando Lyra pela obra que realizou e pelo legado que nos deixou.

Agora é nosso dever dar continuidade aos seus ideais, de modo a completar a construção de um país

verdadeiramente justo, democrático e igual. Muito obrigado, Fernando Lyra! Essa é a mensagem de todos nós brasileiros, que jamais esqueceremos que nossa democracia foi conquistada por homens de sua fibra e coragem.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Roberto Freire. PPS – SP) – Agradeço a compreensão do Senador Valdir Raupp.

O SR. PRESIDENTE (Roberto Freire. PPS – SP) – Os Srs. Senadores Eunício Oliveira e Renan Calheiros enviaram discursos à Mesa, para serem publicados na forma do disposto no art. 203, combinado com o Inciso I e § 2º do art. 210, do Regimento Interno.

S. Exas. serão atendidos.

O SR. EUNÍCIO OLIVEIRA (Bloco/PMDB – CE. Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sras Senadoras e Srs. Senadores, junto-me aos muitos Senadores, Senadoras, amigos, companheiros, admiradores e familiares que ora prestam merecidas homenagens ao ex-Deputado Federal, ex-Ministro da Justiça e particular amigo, Fernando Lyra, um dos nomes mais importantes da política nordestina e nacional, assim como do processo que levou à redemocratização do Brasil que usufruímos hoje.

Tenho certeza que veremos aqui relatos que mostrarão aspectos do homem público que em geral ainda não transparecem.

Apesar de Fernando Lyra ter sido um importante amigo pessoal e familiar, vou lidar com outro aspecto: o exemplo de homem público, não só para nós do PMDB, partido que ele ajudou a fundar, mas particularmente com os eventos que levaram à volta da democracia no Brasil.

Particularmente inspirador é o seu livro daquilo que eu sei; Tancredo Neves e a transição democrática, uma obra cuja leitura me parece obrigatória para todos os brasileiros que se dedicam à vida pública, ao pluralismo democrático e à cidadania participativa.

Hoje, a transição democrática parece algo distante. No entanto, se constitui em momento determinante de nossa história política em que foi possível a elaboração de um acordo político que permite! A saída dos militares do poder de modo pacífico e ordenado, ao contrário do que se deu em outros países latino-americanos.

Uma transição que se deveu em boa parte – isso é fundamental ressaltar – ao papel de protagonista assumido pelo parlamento.

Este Congresso Nacional, durante as décadas de 1970 e 1980, apresentou-se como o grande fórum em que a transição foi negociada, e Deputados e Se-

nadores foram importantes protagonistas de um final bem-sucedido, praticamente sem traumas.

É impossível falar em transição democrática sem incluir o nome de Fernando Lyra diante do seu papel de destaque em vários momentos, mas há dois que creio serem cruciais.

O primeiro foi em 1983, quando ele expressou publicamente que Tancredo Neves deveria ser o candidato da oposição a Presidente da República, uma manobra ousada e inesperada.

Ao contrário do que poderíamos imaginar hoje, naquele ano a transição estava longe de dar como concluída e muitas manobras buscavam favorecer uma transição em que o espaço da oposição fosse o mais restrito possível.

Por isso, o período até a eleição no colégio eleitoral se deu em meio a muitas negociações. A bem-sucedida participação de Fernando Lyra nesse processo fez com que um agradecido Tancredo Neves precisasse dele para o cargo de Ministro da Justiça.

O segundo momento fundamental diz respeito exatamente à sua atuação como Ministro da Justiça, o primeiro de um governo democrático em vinte e um anos.

Foi um trabalho de enfrentamento de barreiras construídas durante o regime autoritário. Fernando Lyra relata isso em entrevista quando afirmou que ao chegar no Ministério da Justiça ficou intrigado com o grau de proibição por toda parte.

Fernando Lyra ficou conhecido nesse momento ao afirmar que um governo democrático passava necessariamente pela remoção do ‘entulho autoritário’, que fora deixado nas instituições pelo regime militar.

Nisso ele estava absolutamente certo e sugeriu uma grande revisão nas leis brasileiras, de modo a compatibilizá-las com o estado democrático de direito.

Naquele momento, ele já antecipava em muitos anos a pauta política. Como ministro propôs, por exemplo, uma Lei de Acesso à Informação, além de estabelecer várias Comissões de Juristas a fim de propor mudanças em diversos instrumentos normativos brasileiros.

Buscou então, a colaboração de especialistas, bem como da Ordem dos Advogados do Brasil, do Instituto dos Advogados Brasileiros, Tribunais de Justiça, além de entidades da sociedade civil, para essa iniciativa de vasculhar o ordenamento jurídico brasileiro e remover o ‘entulho autoritário’.

Lembremos que nem todas as propostas foram levadas adiante, como é natural em qualquer sociedade democrática, mas sem sombra de dúvida colaboraram na oxigenação da legislação brasileira, que encontraria sua maior expressão na Assembléia Nacional Constitui-

tuinte, da qual ele, Fernando Lyra, também fez parte, com participação ativa na Comissão de Sistematização.

São dois momentos da vida política de Fernando Lyra que são simbólicos de sua participação no processo de democratização brasileira e exemplares de um jeito de fazer política que combina o amor pela democracia e a paixão pela vida pública.

Sr. Presidente. Sras Senadoras, Srs. Senadores, creio ser justo concluir este pronunciamento com uma expressão do pensamento de Fernando Lyra.

Eis as palavras com que ele encerra o seu livro daquilo que eu sei, que são autêntica expressão de fé de um comportamento honrado e digno de se fazer política.

Em tese nunca tive projeto pessoal. sempre entendi que é melhor alimentar sonhos, pois projeto não realizado é sempre motivo de frustração. toda a minha vida foi pautada em viver o hoje (...) aprendi a construir, no dia-a-dia, um dia diferente do outro, cada dia um dia especial e único (...) e assim a minha estrada foi construída sem mapas, nem guias, nem calendários.

Finalizo, Sr. Presidente, solicitando à Mesa que transcreva nos Anais desta sessão a íntegra do artigo que escrevi quando do falecimento do nosso homenageado, publicado no site do PMDB, partido que orgulhosamente teve em seus quadros esse grande político, que eu chamo de “um intransigente brasileiro”.

Muito obrigado.

DOCUMENTO A QUE SE REFERE O SR. SENADOR EUNÍCIO OLIVEIRA EM SEU PRONUNCIAMENTO.

(Inserido nos termos do art. 210, inciso I, § 2º, do Regimento Interno.)

Brasília, 6 de maio de 2013

**FERNANDO LYRA,
UM INTRANSIGENTE BRASILEIRO**

Eunício Oliveira ()*

Na semana em que o PMDB realiza a sua convenção nacional e que apresentamos, em cadeias de rádio e televisão, o nosso programa eleitoral semestral, não poderia deixar de lembrar, reconhecer e homenagear um dos principais nomes da história política pernambucana, brasileira e peemedebista, recentemente falecido.

Pautando sua trajetória em permanente contato com o sentimento popular e com a vontade da nação, Fernando Lyra exerceu com brilhantismo, dedicação e coragem os papéis que o destino e o eleitorado do seu estado lhe reservaram em diferentes etapas da nossa história política.

Ao lado de companheiros como o baiano Chico Pinto, os cariocas Lyzâneas Maciel e Walter Silva, de Alencar Furtado eleito pelo Paraná e originário do Ceará, de Freitas Nobre, parlamentar por São Paulo mas também nascido cearense, entre outros bravos colegas na Câmara dos Deputados, durante os chamados anos de chumbo do regime militar, o amigo Fernando Lyra integrou o grupo autêntico do MDB — partido que ele ajudou a fundar —, corrente que se destacou pela intransigente defesa dos direitos humanos, das liberdades democráticas e do fim da censura aos meios de comunicação.

Apesar de minoritários na bancada, eram os autênticos que, pela sua eloquência e pela sua combatividade, contribuiam para o discurso oposicionista que o Brasil começava a articular. O presidente do então MDB, nosso eterno Dr. Ulysses Guimarães, valeu-se do precioso apoio dessa corrente para disseminar a mensagem da oposição pelo país afora.

Foi assim, por exemplo, no episódio da antecandidatura da chapa Ulysses Guimarães/Barbosa Lima Sobrinho, que, apesar da previsível derrota no colégio eleitoral da Ditadura, percorreu, em 1973, todo o Brasil em caravanas, comícios e outras manifestações provando que, apesar de tudo, a oposição estava viva e resistindo. O coroamento desse esforço viria no ano seguinte, com a surpreendente votação obtida pelos candidatos do MDB na renovação de um terço das cadeiras do Senado Federal.

Na primeira metade dos anos 80, reta final da ditadura, Lyra compreendeu que esta, se fosse forte o bastante para barrar no Congresso a vitória da emenda Dante de Oliveira, não seria capaz de impedir que o saldo popular de mobilização e conscientização ensejado pela emocionante campanha pelas Diretas-Já alavancasse, poucos meses depois, a vitória da chapa Tancredo/Sarney em pleno campo minado de casuismos do colégio eleitoral.

Deputado durante seis legislaturas, coordenador político da campanha de Tancredo Neves ao colégio eleitoral na última eleição presidencial indireta do país, foi também o primeiro Ministro da Justiça da nova república, por escolha pessoal de Tancredo.

Derrotado o regime autoritário, com a restauração do poder civil, era chegada a hora tão longamente esperada de uma assembleia nacional constituinte para completar a reconstrução da democracia brasileira. E, mais uma vez, ao lado do cearense Paes de Andrade entre outros importantes peemedebistas históricos, o deputado Fernando Lyra disse presente ao chamado da pátria.

Era um político experiente e carismático, cujo espírito público e devotamento às causas cívicas não

apenas infundia coragem no espírito dos correligionários e aliados, mas também contribuía para engrandecer qualquer disputa e valorizar qualquer adversário.

Por tudo isso, deixa uma lacuna permanente no cenário político e acima de tudo uma herança que merece ser conhecida, honrada e seguida por brasileiros e brasileiras de todas as convicções ideológicas — e principalmente por nós, militantes do PMDB, legenda sob a qual ele atingiu os momentos culminantes da sua longa e exemplar trajetória.

Em 26 de fevereiro de 2013.

(*) Senador pelo PMDB do Ceará, líder da bancada e da Maioria

O SR. RENAN CALHEIROS (Bloco/PMDB – AL.)
Sem apanhamento taquigráfico.) – Sr. Presidente, Sras e Srs. Senadores, vocação para conciliar e capacidade para articular são dois dos traços mais marcantes da personalidade ao ex-Deputado e ex-Ministro da Justiça, Fernando Lyra. O que mais sobressai, contudo, quando pensamos na trajetória de vida desse eminente pernambucano foi o seu empenho para a redemocratização do País.

Naqueles tempos difíceis da retomada do comando político para a sociedade civil, frente ao Ministério da Justiça, durante o Governo do Presidente José Sarney, Fernando Lyra foi a peça fundamental para o fim da censura no Brasil, fato que muitos preferem esquecer.

Fernando Lyra foi o que podemos dizer o homem certo, para o lugar certo, no momento certo.

Fernando Lyra tinha em seu caráter o traço forte da humanidade, da solidariedade, da capacidade de unir opositores. Descrevendo a si próprio, disse ele certa vez que aprendera na sua infância, em Caruaru, a respeitar a sabedoria do povo. Convivendo com as pessoas mais simples, incorporara o significado da fraternidade. Observando as mãos hábeis dos artesãos, entendera que o próprio povo é capaz de criar um mundo diferente, uma vida nova, um novo padrão de convivência.

Esse foi o cidadão Fernando Lyra. Acreditando na capacidade humana de, diante das dificuldades, encontrar uma saída, um consenso, tomava frente nas negociações políticas.

Não por outro motivo, foi um dos expoentes da formação da Aliança Democrática, que permitiu a eleição de Tancredo Neves. Para tanto, fez uso de seus conhecimentos das conjunções políticas do país, além do exercício de sua capacidade conciliatória e do elevado interesse em contribuir para a pacificação dos conflitos. Tinha ele consciência da relevância de seus esforços

para costurar coalizões que pudesse contribuir para o desenvolvimento harmônico da vida política brasileira.

Durante 28 anos, Fernando Lyra representou na Câmara dos Deputados, com brilhantismo, o seu Estado de Pernambuco, e durante a Assembléia Nacional Constituinte trabalhou arduamente para dotar o país de uma Carta Magna democrática e que atendesse aos anseios da população de nosso país. Com a sua capacidade de dialogar e articular, foi um dos mais ativos parlamentares que contribuíram para a construção da democracia que hoje usufruímos. Paralelamente ao seu trabalho em busca da conciliação, Fernando Lyra fez parte do grupo autêntico do MDB, partido do qual foi um de seus fundadores, que formado por 23 deputados federais se opunham sistematicamente à ditadura militar.

Nos últimos anos de sua vida, um pouco distanciado da vida partidária, entretanto sem se desligar totalmente da política, Fernando Lyra exerceu a Presidência da Fundação Joaquim Nabuco. Nessa instituição exerceu com denodo a defesa dos interesses da sociedade brasileira, com foco principal no Nordeste, promovendo atividades científicas e culturais. E tal como o seu conterrâneo Joaquim Nabuco, que dedicou grande parte de sua vida pública defendendo a abolição da escravatura, podemos dizer que Fernando Lyra empreendeu, durante toda sua trajetória existencial, onde quer que estivesse a defesa da conciliação, do entendimento e da harmonia. Tudo isso em prol do povo brasileiro.

Parabéns, portanto, a sua viúva, dona Márcia, ao seu irmão João Lyra Neto, as suas filhas Patrícia, Juliana e Renata e a todos os parentes que aqui se encontram.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Roberto Freire. PPS – SP)

– Agradecendo a presença de todas as autoridades, parentes, familiares e amigos de Fernando Lyra, quero dizer apenas que, independentemente das posições político-partidárias, Fernando Lyra, naquilo que ele tinha de melhor, sem dúvida alguma, é uma unanimidade, sem ser burra, mas, pelo contrário, muito inteligente, como ele era.

Quero dizer da satisfação de termos participado deste encontro.

Quero dizer a todos: muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Roberto Freire. PPS – SP)

– Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 14 horas e 25 minutos.)

COMISSÕES MISTAS

COMISSÃO MISTA DE PLANOS, ORÇAMENTOS PÚBLICOS E FISCALIZAÇÃO – CMO (Resolução nº 1/2006-CN)

Número de membros: 11 Senadores e 33 Deputados²

COMPOSIÇÃO³

- Presidente:** Senador Lobão Filho (PMDB/MA)⁸
1º Vice-Presidente: Deputado Bruno Araújo (PSDB/PE)⁸
2º Vice-Presidente: Senador Francisco Dornelles (PP/RJ)⁸
3º Vice-Presidente: Deputado Guilherme Campos (PSD/SP)⁸

Relator do PLDO / 2014:

Relator do PLOA / 2014: Deputado Miguel Corrêa (PT/MG)

Relator da Receita:

Senado Federal

Titulares	Suplentes
Bloco de Apoio ao Governo (PT / PDT / PSB / PCdoB / PRB)	
Walter Pinheiro (PT/BA)	1. Eduardo Suplicy (PT/SP)
Anibal Diniz (PT/AC)	2. Inácio Arruda (PCdoB/CE)
Acir Gurgacz (PDT/RO)	3. ⁶
Lídice da Mata (PSB/BA)	4. Lindbergh Farias (PT/RJ)
Bloco Parlamentar da Maioria (PMDB / PP / PSD)	
Lobão Filho (PMDB/MA)	1. Ricardo Ferraço (PMDB/ES) ⁵
Francisco Dornelles (PP/RJ) ⁷	2. ^{5 e 7}
Ivo Cassol (PP/RO)	3. Casildo Maldaner (PMDB/SC) ⁵
Bloco Parlamentar Minoria (PSDB / DEM)	
Lúcia Vânia (PSDB/GO)	1. Cícero Lucena (PSDB/PB) ⁴
Wilder Morais (DEM/GO)	2. Jayme Campos (DEM/MT)
Bloco Parlamentar União e Força (PTB / PR / PSC)	
João Vicente Claudino (PTB/PI)	1.
Eduardo Amorim (PSC/SE)	2.
PSOL¹	
Randolfe Rodrigues (PSOL/AP)	

Notas:

1- Vaga destinada ao rodízio, nos termos da Resolução nº 2/2000-CN.

2- Uma vaga acrescida ao Senado Federal e três vagas acrescidas à Câmara dos Deputados nos termos da Resolução nº 1, de 2012-CN.

3- Designação na Sessão do Senado Federal de 21-3-2013.

4- Designado o Senador Cícero Lucena, como membro suplente, em 3-4-2013 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 106/2013, da Liderança do PSDB.

5- Designados os Senadores Ricardo Ferraço, Francisco Dornelles e Casildo Maldaner, como membros suplentes, em 9-4-2013 (Sessão do Senado Federal), conforme o Ofício nº 140, de 2013, da Liderança do PMDB.

6- Vago, em 9-4-2013 (Sessão do Senado Federal), nos termos do Ofício nº 63, de 2013, da Liderança do PT e do Bloco de Apoio ao Governo.

7- Designado o Senador Francisco Dornelles, como membro titular, em substituição ao Senador Eunício Oliveira, em 16-4-2013 (Sessão do Senado Federal), conforme o Ofício nº 151, de 2013, da Liderança do PMDB.

8- Mesa eleita em 16-4-2013, conforme Ofício nº 038, de 2013.

Câmara dos Deputados

Titulares	Suplentes
PT	
Bohn Gass (PT/RS)	1. Afonso Florence (PT/BA)
Ricardo Berzoini (PT/SP)	2. Dalva Figueiredo (PT/AP)
Zezéu Ribeiro (PT/BA)	3. Iriny Lopes (PT/ES)
Miguel Corrêa (PT/MG)	4. Jorge Bittar (PT/RJ)
Weliton Prado (PT/MG)	5. José Airton (PT/CE)
PMDB	
Danilo Forte (PMDB/CE)	1. André Zacharow (PMDB/PR)
Leonardo Quintão (PMDB/MG)	2. Giroto (PMDB/MS)
Marcel Filho (PMDB/MS)	3. Pedro Novais (PMDB/MA)
Nilda Gondim (PMDB/PB)	4. José Pirante (PMDB/PA) ⁴
Rose de Freitas (PMDB/ES)	5. Osvaldo Reis (PMDB/TO) ⁴
PSDB	
Bruno Araújo (PSDB/PE)	1. Raimundo Gomes de Matos (PSDB/CE) ²
Domingos Sávio (PSDB/MG)	2. Carlos Brandão (PSDB/MA) ³
Ruy Carneiro (PSDB/PB)	3.
PP	
Carlos Magno (PP/RO)	1. Missionário José Olimpio (PP/SP)
Nelson Meurer (PP/PR)	2. Roberto Britto (PP/BA)
Roberto Teixeira (PP/PE)	3. Dilceu Sperafico (PP/PR) ⁵
DEM	
Claudio Cajado (DEM/BA)	1.
Efraim Filho (DEM/PB)	2.
Mandetta (DEM/MS)	3.
PSD	
Armando Vergílio (PSD/GO)	1. Ademir Camilo (PSD/MG)
Guilherme Campos (PSD/SP)	2. Homero Pereira (PSD/MT)
Júlio Cesar (PSD/PI)	3. Junji Abe (PSD/SP)
PR	
Aelton Freitas (PR/MG)	1. José Rocha (PR/BA)
Gorete Pereira (PR/CE)	2. Wellington Roberto (PR/PB)
PSB	
Gonzaga Patriota (PSB/PE) ⁶	1. Leopoldo Meyer (PSB/PR)
Severino Ninho (PSB/PE)	2. Valtenir Pereira (PSB/MT)
PDT	
Sebastião Bala Rocha (PDT/AP)	1. André Figueiredo (PDT/CE)
Weverton Rocha (PDT/MA)	2. João Dado (PDT/SP)
Bloco Parlamentar (PV / PPS)	
Fábio Ramalho (PV/MG)	1. Humberto Souto (PPS/MG)
Sandro Alex (PPS/PR)	2. Sarney Filho (PV/MA)
PTB	
Nilton Capixaba (PTB/RO)	1. Alex Canziani (PTB/PR)
PSC	
Andre Moura (PSC/SE)	1. Ricardo Arruda (PSC/PR)
PCdoB	
Evandro Milhomen (PCdoB/AP)	1. Chico Lopes (PCdoB/CE)
PTdoB¹	
Lourival Mendes (PTdoB/MA)	

Notas:

- 1- Vaga destinada ao rodízio, nos termos da Resolução nº 2/2000-CN.
 2- Designado o Deputado Raimundo Gomes de Matos, como membro suplente, em 27-3-2013 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 345/2013, da Liderança do PSDB.
 3- Designado o Deputado Carlos Brandão, como membro suplente, em 2-4-2013 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 353/2013, da Liderança do PSDB.
 4- Designados os Deputados José Pirante e Osvaldo Reis, como membros suplentes, em 2-4-2013 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 327/2013, da Liderança do PMDB.
 5-Designado o Deputado Dilceu Sperafico, como membro suplente, em 11-4-2013 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 174/2013, da Liderança do PP.
 6-Designado o Deputado Gonzaga Patriota, como membro titular, em substituição ao Deputado Dr. Ubiali, em 18-4-2013 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 65/2013, da Liderança do PSB.

Secretaria: Maria do Socorro de L. Dantas
 Telefones: (61) 3216-6892 / 3216-6893
 Fax: (61) 3216-6905
 E-mail: cmo@camara.gov.br

Local: Câmara dos Deputados, Anexo Luis Eduardo Magalhães (Anexo II), Ala "C" – Sala 08 – Térreo
 Endereço na Internet: www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cmo

COMISSÃO MISTA PERMANENTE SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS – CMMC

(Criada pela Resolução nº 4/2008-CN)

Número de membros: 13 Senadores e 13 Deputados²¹**COMPOSIÇÃO****Presidente:** Senadora Vanessa Grazziotin^{15, 20 e 27}**Vice-Presidente:** Deputado Fernando Ferro^{15, 20 e 27}**Relator:** Deputado Sarney Filho^{16, 20 e 27}**Instalação:** 27-2-2013^{15, 20 e 27}**Senado Federal**

Titulares	Suplentes
Bloco de Apoio ao Governo (PT / PDT / PSB / PCdoB / PRB)	
Jorge Viana (PT/AC) ⁷	1. Wellington Dias (PT/PI) ⁷
Vanessa Grazziotin (PCdoB/AM) ^{7, 13 e 17}	2. Lindbergh Farias (PT/RJ) ⁷
Blairo Maggi (PR/MT) ^{7, 23 e 26}	3. Antonio Carlos Valadares (PSB/SE) ⁷
Cristovam Buarque (PDT/DF) ⁷ ²²	4. ^{7 e 17} 5. ²²
Bloco Parlamentar da Maioria (PMDB / PP / PSD)	
Sérgio Souza (PMDB/PR) ^{3, 14 e 29}	1. Vital do Rêgo (PMDB/PB) ^{3 e 29}
Eduardo Braga (PMDB/AM) ^{3 e 29}	2. Romero Jucá (PMDB/RR) ^{3 e 29}
Ciro Nogueira (PP/PI) ^{3, 11, 12 e 29}	3. ^{3 e 29}
Sérgio Petecão (PSD/AC) ^{3, 18 e 29}	4. ^{3, 19 e 29}
Bloco Parlamentar Minoria (PSDB / DEM)	
Aloysio Nunes Ferreira (PSDB/SP) ²	1. ^{2 e 24}
Wilder Morais (DEM/GO) ^{6, 10 e 25}	2. Jayme Campos (DEM/MT) ^{6, 10 e 28}
Bloco Parlamentar União e Força (PTB / PR / PSC)	
João Vicente Claudino (PTB/PI) ^{4 e 29}	1. ^{8, 9 e 12} 2.
PSOL¹	
Randolfe Rodrigues (PSOL/AP) ^{5 e 29}	1.

Notas:

1- Vaga destinada ao rodízio, nos termos da Resolução nº 2/2000-CN.

2- Designados os Senadores Aloysio Nunes Ferreira e Cyro Miranda em 18-2-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 35/2011, da Liderança do PSDB.

3- Designados os Senadores Ricardo Ferraço, Eduardo Braga, Pedro Simon, Sérgio Petecão, Vital do Rêgo, Romero Jucá, Renan Calheiros e Wilson Santiago em 18-2-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 47/2011, da Liderança do PMDB.

4- Designado o Senador João Vicente Claudino em 2-3-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 55/2011, da Liderança do PTB.

5- Designado o Senador Randolfe Rodrigues em 2-3-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 65/2011, da Liderança do PSOL.

6- Designados os Senadores Kátia Abreu e Jayme Campos em 22-3-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 26/2011, da Liderança do DEM.

7- Designados Senadores Jorge Viana, João Pedro, Blairo Maggi, Cristovam Buarque, Wellington Dias, Lindbergh Farias, Antonio Carlos Valadares e Vanessa Grazziotin em 22-3-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 34/2011, da Liderança do Bloco de Apoio ao Governo.

8- Em 28-3-2011 (Sessão do Senado Federal), foi lido o Ofício nº 70/2011, da Liderança do PTB, cedendo provisoriamente, ao PP, a vaga de suplente.

9- Designado o Senador Ciro Nogueira, para vaga cedida pelo PTB, em 29-3-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 21/2011, da Liderança do PP.

10- Designado o Senador Jayme Campos, como membro titular, em substituição à Senadora Kátia Abreu, e o Senador José Agripino, como membro suplente, em substituição ao Senador Jayme Campos, em 5-4-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 32/2011, da Liderança do DEM.

11- Em 27-4-2011 (Sessão do Senado Federal), foi lido o Ofício nº 115/2011, da Liderança do PMDB, comunicando a retirada do nome do Senador Pedro Simon.

12- Designado o Senador Ciro Nogueira em 28-4-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 130/2011, da Liderança do PMDB.

13- Vago em razão da reassunção do titular, Senador Alfredo Nascimento, em 7-7-2011.

14- Designado o Senador Sérgio Souza em 25-8-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 236/2011, da Liderança do PMDB.

15- Comissão instalada em 30-8-2011 (Sessão do Senado Federal); eleitos Presidente e Vice-Presidente, conforme Ofício nº 1/2011-CMMC.

16- Ofício nº 6/2011-CMMC, publicado no DSF de 22-9-2011.

17- Designada a Senadora Vanessa Grazziotin em 20-10-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 130/2011 – GLDBAG, da Liderança do Bloco de Apoio ao Governo.

18- Em 1-11-2011 (Sessão do Senado Federal), foi lida comunicação do Senador Sérgio Petecão, informando a sua filiação ao Partido Social Democrático – PSD.

19- Em 8-11-2011, vago em virtude de o Senador Wilson Santiago (PMDB/PB) ter deixado o mandato.

20- Comissão instalada em 10-4-2012, eleitos Presidente, Vice-Presidente e Relator, conforme Ofício nº 2/2012-CMMC.

21- Duas vagas acrescidas ao Senado Federal e duas vagas acrescidas à Câmara dos Deputados nos termos da Resolução nº 1, de 2012-CN.

22- Vaga acrescida nos termos da Resolução nº 1, de 2012-CN.

23- O Senador Blairo Maggi licenciou-se, nos termos do art. 43, incisos I e II, do Regimento Interno do Senado Federal, por 130 dias, a partir de 9-8-2012, conforme os Requerimentos nºs 724 e 725, de 2012, aprovados na Sessão do Senado Federal de 7-8-2012.

24- Lido na Sessão do Senado Federal de 9-8-2012 o Ofício nº 135, da Liderança do PSDB, comunicando a retirada do nome do Senador Cyro Miranda como membro suplente.

25- Designado o Senador Wilder Morais, como membro titular, em substituição ao Senador Jayme Campos, em 7-11-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 76/2012, da Liderança do DEM no Senado Federal.

26- Senador Blairo Maggi reassume o cargo de senador, em 17.12.2012, após licença (Of. GSBMAG nº 068/2012).

27- Comissão instalada em 27-2-2013, eleitos Presidente Senadora Vanessa Grazziotin, Vice-Presidente Deputado Fernando Ferro e Relator Deputado Sarney Filho, conforme Ofício nº 3/2013-CMMC, lido na Sessão do Senado Federal de 4-3-2013.

28- Designado o Senador Jayme Campos, como membro suplente, em substituição ao Senador José Agripino, em 7-3-2013 (Sessão do Senado Federal), conforme o Ofício nº 12, de 2013, da Liderança do Democratas – DEM.

29- Ratificadas as indicações constantes nos ofícios nºs 54, 32 e 78, todos de 2013, das Lideranças do Bloco Parlamentar União e Força, Partido Socialismo e Liberdade – PSOL e do Bloco Parlamentar da Maioria, respectivamente, em 22-3-2013 (Sessão do Senado Federal).

Câmara dos Deputados

Titulares	Suplentes
PT	
Fernando Ferro (PT/PE) ²	1. ^{2 19}
Márcio Macêdo (PT/SE) ²	2. Leonardo Monteiro (PT/MG) ²
PMDB	
Valdir Colatto (PMDB/SC) ^{2, 5 e 6}	1. Celso Maldaner (PMDB/SC) ²
André Zacharow (PMDB/PR) ^{2, 9 e 10}	2. Adrian (PMDB/RJ) ¹⁰
PSD	
Hugo Napoleão (PSD/PI) ^{14 e 15}	1. ¹⁴
	2. ¹⁴
PSDB	
Antonio Imbassahy (PSDB/BA) ^{2 e 11}	1. Ricardo Tripoli (PSDB/SP) ²
PP	
José Otávio Germano (PP/RS) ²	1. Rebecca Garcia (PP/AM) ²
DEM	
Rodrigo Maia (DEM/RJ) ²	1. ^{2 e 8}
PR	
Bernardo Santana de Vasconcellos (PR/MG) ^{2 e 18}	1. ^{2, 12 e 18}
PSB	
Glauber Braga (PSB/RJ) ^{2 e 17}	1. Janete Capiberibe (PSB/AP) ^{2, 7, 13 e 17}
PDT	
Giovani Cherini (PDT/RS) ²	1. Miro Teixeira (PDT/RJ) ²
Bloco Parlamentar (PV / PPS)	
Sarney Filho (PV/MA) ^{2 e 16}	1. Alfredo Sirkis (PV/RJ) ^{2 e 16}
PTB ¹	
Jandira Feghali (PCdoB/RJ) ^{2 e 3}	1. Arnaldo Jardim (PPS/SP) ⁴

Notas:

- 1- Vaga destinada ao rodízio, nos termos da Resolução nº 2/2000-CN.
- 2- Designados os Deputados Fernando Ferro, Márcio Macêdo, Mendes Ribeiro Filho, Moacir Micheletto, Antonio Carlos Mendes Thame, José Otávio Germano, Rodrigo Maia, Anthony Garotinho, Luiz Noé, Giovani Cherini, Alfredo Sirkis, Jandira Feghali, Francisco Praciano, Leonardo Monteiro, Celso Maldaner, Ricardo Tripoli, Rebecca Garcia, Walter Ihoshi, Paulo César, Domingos Neto, Miro Teixeira e Sarney Filho, em 22-3-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 300/2011, do Presidente da Câmara dos Deputados.
- 3- Em 22-3-2011, vaga de membro titular destinada ao PTB, cedida ao PCdoB.
- 4- Cedida vaga ao PPS, e Designado o Deputado Arnaldo Jardim, em 5-4-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 123/2011, da Liderança do PTB.
- 5- Vago em razão do afastamento do Deputado Mendes Ribeiro Filho em 23-8-2011, nos termos do art. 230 do Regimento Interno da Câmara dos Deputados.
- 6- Designado o Deputado Valdir Colatto, em substituição ao Deputado Mendes Ribeiro Filho, em 21-9-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 1043/2011, da Liderança do PMDB.
- 7- Vago em razão do desligamento do Deputado Domingos Neto, em 22-9-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício OF.B/130/11, da Liderança do Bloco PSB, PTB e PCdoB.
- 8- Em 3-1-2012, vago em razão do afastamento do Deputado Walter Ihoshi (PSD/SP), nos termos do artigo 230, § 2º, do Regimento Interno da Câmara dos Deputados.
- 9- Em 30-1-2012, vago em razão do falecimento do Deputado Moacir Micheletto (PMDB/PR), nos termos do art. 238, inciso I, do Regimento Interno da Câmara dos Deputados.
- 10- Em 16-3-2012 (Sessão do Senado Federal), foram designados os Deputados André Zacharow, como membro titular, e Adrian, como membro suplente, conforme Ofícios nº's 184/2012 e 183/2012, ambos da Liderança do PMDB.
- 11- Em 9-4-2012 (Sessão do Senado Federal), foi designado o Deputado Antonio Imbassahy, em substituição ao Deputado Antonio Carlos Mendes Thame, conforme Ofício nº 401/2012, da Liderança do PSB.
- 12- Em 12-4-2012 (Sessão do Senado Federal), foi designado o Deputado Bernardo Santana De Vasconcellos, em substituição ao Deputado Dr. Paulo César, conforme Ofício nº 224/2012, da Liderança do Bloco PR/PTdoB/PRP/PHS/PTC/PSL/PRTB.
- 13- Em 12-7-2012 (Sessão do Senado Federal), foi designado o Deputado Glauber Braga, como membro suplente, conforme Ofício nº 117/2012, da Liderança do PSB.
- 14- Vaga acrescida nos termos da Resolução nº 1, de 2012-CN.
- 15- Em 7-8-2012 (Sessão do Senado Federal), foi designado o Deputado Hugo Napoleão, como membro titular, conforme Ofício nº 812, de 2012, do Líder do PSD.
- 16- Designado como membro titular o Deputado Sarney Filho, em substituição ao Deputado Alfredo Sirkis e, como membro suplente, o Deputado Alfredo Sirkis, em substituição ao Deputado Sarney Filho, em 4-3-2013 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofícios nº's 30 e 31, de 2013, da Liderança do PV.
- 17- Designado o Deputado Glauber Braga, como membro titular, em substituição ao Deputado Luiz Noé, e a Deputada Janete Capiberibe, como membro suplente, em substituição ao Deputado Glauber Braga, em 12-3-2013 (Sessão do Senado Federal), conforme o Ofício nº 31, de 2013, da Liderança do Partido Socialista Brasileiro - PSB.
- 18- Designado o Deputado Bernardo Santana de Vasconcellos, como membro titular, em substituição ao Deputado Anthony Garotinho, em 20-3-2013 (Sessão do Senado Federal), conforme o Ofício nº 126, de 2013, da Liderança do PR.
- 19- Vago em virtude do desligamento do Deputado Francisco Praciano (PT/AM), em 4-4-2013 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 294, de 2013, da Liderança do PT.

Secretário: José Francisco B. de Carvalho**Telefone:** (61) 3303-3122**E-mail:** mudancasclimaticas@senado.gov.br**Local:** Senado Federal, Anexo II, Bloco A, Ala Alexandre Costa – Sala 15 – Subsolo**Endereço na Internet:** www.senado.gov.br/atividade/comissoes/comissao.asp?origem=CN&com=1450

**COMISSÃO MISTA REPRESENTATIVA DO CONGRESSO NACIONAL NO FÓRUM INTERPARLAMENTAR
DAS AMÉRICAS – FIPA**
(Criada pela Resolução nº 2/2007-CN)

Número de membros: 11 Senadores e 11 Deputados¹

COMPOSIÇÃO

Presidente: _____

Vice-Presidente: _____

Senado Federal

Titulares	Suplentes
Bloco de Apoio ao Governo (PT/PDT/PSB/PCdoB/PRB)	
	1.
	2.
	3.
	4.
Bloco Parlamentar da Maioria (PMDB/PP/PSD)	
Roberto Requião (PMDB/PR) ⁵	1.
	2.
	3.
Bloco Parlamentar Minoria (PSDB/DEM)	
Wilder Morais (DEM/GO) ³	1. Jayme Campos (DEM/MT) ³
	2.
Bloco Parlamentar União e Força (PTB/PR/PSC)	
	1.
	2.
PSOL²	
Randolfe Rodrigues (PSOL/AP) ⁴	1.

Notas:

1- Uma vaga acrescida ao Senado Federal e uma vaga acrescida à Câmara dos Deputados nos termos da Resolução nº 1, de 2012-CN.

2- Vaga destinada ao rodízio, nos termos da Resolução nº 2/2000-CN.

3- Designado, como membro titular, o Senador Wilder Morais e, como membro suplente, o Senador Jayme Campos, em 21-3-2013 (Sessão do Senado Federal), conforme o Ofício nº 18, de 2013, da Liderança do DEM.

4- Designado, como membro titular, o Senador Randolfe Rodrigues, em 21-3-2013 (Sessão do Senado Federal), conforme o Ofício nº 41, de 2013, da Liderança do PSOL.

5- Designado o Senador Roberto Requião, como membro titular, em 25-3-2013 (Sessão do Senado Federal), de conformidade com o Ofício nº 129 de 2013, da Liderança do PMDB.

Câmara dos Deputados

Titulares	Suplentes

COMISSÃO MISTA DE CONTROLE DAS ATIVIDADES DE INTELIGÊNCIA – CCAI

(Art. 6º da Lei nº 9.883/1999)

COMPOSIÇÃO**Presidente:** Deputado Nelson Pellegrino ⁴**Vice-Presidente:** Senador Ricardo Ferraço ⁴

CÂMARA DOS DEPUTADOS	SENADO FEDERAL
LÍDER DA MAIORIA José Guimarães (PT/CE)	LÍDER DO BLOCO PARLAMENTAR DA MAIORIA Eunício Oliveira (PMDB/CE) ¹
LÍDER DA MINORIA Nilson Leitão (PSDB/MT)	LÍDER DO BLOCO PARLAMENTAR DA MINORIA Mário Couto (PSDB/PA) ²
PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DE DEFESA NACIONAL Nelson Pellegrino (PT/BA)	PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL Ricardo Ferraço (PMDB/ES) ³

(Atualizada em 10.04.2013)

Notas:

1- Em 01.02.2013, o Senador Eunício Oliveira é designado Líder do Bloco Parlamentar da Maioria para o biênio 2013-2014, conforme Of. GLPMDB nº 009/2013.

2- Em 01.02.2013, foi lido expediente comunicando a indicação do Senador Mário Couto como Líder do Bloco Parlamentar da Minoria.

3- Em 27.02.2013, a Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional do Senado Federal elegeu o Senador Ricardo Ferraço como Presidente do colegiado (OF. nº 001/2013 – CRE).

4- O Deputado Nelson Pellegrino assumiu a presidência em 10.04.2013, conforme alternância estabelecida na 1ª Reunião da Comissão, realizada em 18.08.2001. Na mesma reunião, o Senador Ricardo Ferraço assumiu a vice-presidência.

SECRETARIA-GERAL DA MESA

Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)

Senado Federal – Anexo II - Térreo

Telefones: (61) 3303-4561 / 3303-5258

E-mail: scop@senado.gov.br

Endereço na Internet: www.senado.gov.br/ccai

COMISSÃO PARLAMENTAR MISTA DE INQUÉRITO

(Requerimento nº 4, de 2011-CN)

Requer a criação de Comissão Parlamentar Mista de Inquérito, composta por 13 (treze) Senadores¹⁸ e 13 (treze) Deputados¹⁸ e igual número de suplentes, para, no prazo de 180 (cento e oitenta) dias, investigar a situação de violência contra a mulher no Brasil e apurar denúncias de omissão por parte do poder público com relação à aplicação de instrumentos instituídos em lei para proteger as mulheres em situação de violência.

Leitura: 13-7-2011**Designação:** 14-12-2011**Instalação:** 8-2-2012**Prazo Final:** 19-8-2012**Prazo Final Prorrogado:** 28-3-2013¹⁷**Prazo Final Prorrogado:** 9-8-2013²¹

Presidente: Deputada Jô Moraes
Vice-Presidente: Deputada Keiko Ota
Relatora: Senadora Ana Rita

Senado Federal

Titulares	Suplentes
Bloco de Apoio ao Governo (PT / PR / PDT / PSB / PCdoB / PRB)	
Ana Rita (PT/ES) ¹¹	1. Humberto Costa (PT/PE)
Marta Suplicy (PT/SP) ²⁰	2. Lídice da Mata (PSB/BA) ^{10 e 11}
	3. Pedro Taques (PDT/MT)
Angela Portela (PT/RR) ¹⁹	4. ⁶
	5. ¹⁹
Bloco Parlamentar da Maioria (PMDB / PP / PSC / PMN / PV)	
¹⁶	1. Vanessa Grazziotin (PCdoB/AM) ^{14 e 15}
Ana Amélia (PP/RS) ^{3, 4, 9 e 13}	2. Sérgio Souza (PMDB/PR) ^{2, 8, 12 e 16}
	3.
	4.
¹⁹	5. ¹⁹
Bloco Parlamentar Minoria (PSDB / DEM)	
Lúcia Vânia (PSDB/GO)	1.
Maria do Carmo Alves (DEM/SE)	2. José Agripino (DEM/RN)
PTB	
Armando Monteiro (PTB/PE)	1. Gim (PTB/DF) ⁷
PSOL ¹	
⁵	1.

Notas:

- 1- Vaga destinada ao rodízio, nos termos da Resolução nº 2/2000-CN.
- 2- Designada a Senadora Ivonete Dantas, em 15-12-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 3/2011, da Liderança do Bloco Parlamentar da Maioria.
- 3- Cedida uma vaga de membro titular ao Bloco de Apoio ao Governo, em 15-12-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 2/2011, da Liderança do Bloco Parlamentar da Maioria.
- 4- Designada a Senadora Vanessa Grazziotin, em 21-12-2011 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 149/2011, da Liderança do Bloco Parlamentar de Apoio ao Governo.
- 5- Em 28-12-2011, vago em virtude de a Senadora Marinor Brito ter deixado o mandato.
- 6- Em 2-3-2012 (Sessão do Senado Federal), foi lido o Ofício nº 034/2012-GSMC, do Senador Marcelo Crivella, comunicando seu afastamento do mandato, para exercer o cargo de Ministro de Estado da Pesca e Aquicultura, nos termos do inciso II do art. 39 do Regimento Interno do Senado Federal.
- 7- Designado o Senador Gim, em 13-3-2012 (Sessão do Senado Federal), em substituição ao Senador João Vicente Claudino, conforme Ofício nº 050/2012/GLPTB, da Liderança do PTB, no Senado Federal.
- 8- Vago em razão da reassunção do 1º suplente, Senador Garibaldi Alves, em 4-4-2012.
- 9- Em 24-4-2012 (Sessão do Senado Federal), foi lido o Ofício nº 055/2012, da Liderança do Bloco Parlamentar de Apoio ao Governo, comunicando a retirada do nome da Senadora Vanessa Grazziotin.
- 10- Em 24-4-2012 (Sessão do Senado Federal), foi lido o Ofício nº 056/2012, da Liderança do Bloco Parlamentar de Apoio ao Governo, comunicando a retirada do nome do Senador Wellington Dias.
- 11- Em 24-4-2012 (Sessão do Senado Federal), foi lido o Ofício nº 058/2012, da Liderança do Bloco Parlamentar de Apoio ao Governo, comunicando que a Senadora Lídice da Mata deixa da condição de titular e a passa a ser suplente.
- 12- Designado o Senador Sérgio Souza, em 23-5-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 96/2012, da Liderança do PMDB.
- 13- Designada a Senadora Ana Amélia, em 24-5-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 138/2012, da Liderança do PMDB.
- 14- Cedida uma vaga de membro suplente ao Bloco de Apoio ao Governo, em 18-6-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 155/2012, da Liderança do Bloco Parlamentar da Maioria.
- 15- Designada a Senadora Vanessa Grazziotini, como membro suplente, em vaga cedida pelo Bloco Parlamentar da Maioria, em 26-6-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 83/2012, da Liderança do Bloco de Apoio ao Governo.
- 16- Designado o Senador Sérgio Souza, como membro suplente, pelo Bloco Parlamentar da Maioria, em 9-7-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 170/2012, da Liderança do Bloco, no Senado Federal.
- 17- Prazo prorrogado, conforme Requerimento do Congresso Nacional nº 2, de 2012, lido em 16-7-2012 (Sessão do Senado Federal).
- 18- Duas vagas acrescidas ao Senado Federal e duas vagas acrescidas à Câmara dos Deputados nos termos da Resolução nº 1, de 2012-CN.
- 19- Vaga acrescida nos termos da Resolução nº 1, de 2012-CN.
- 20- Em 13-9-2012, lido o Ofício nº 198/2012, da Senadora Marta Suplicy, comunicando, nos termos do inciso II do art. 39 do Regimento Interno do Senado Federal, ter tomado posse no cargo de Ministra de Estado da Cultura.
- 21- Prazo prorrogado, conforme Requerimento do Congresso Nacional nº 4, de 2013, lido em 20-3-2013 (Sessão do Senado Federal).

Câmara dos Deputados

Titulares	Suplentes
PT	
Dr. Rosinha (PT/PR)	1. Dalva Figueiredo (PT/AP)
Marina Santanna (PT/GO)	2. Luci Choinacki (PT/SC)
PMDB	
Nilda Gondim ^{14 e 16}	1. Elcione Barbalho (PMDB/PA) ^{9 e 12}
Jô Moraes (PCdoB/MG) ¹	2. Fátima Pelaes (PMDB/AP)
PSD	
Ademir Camilo (PSD/MG) ^{10 e 11}	1.
	2.
PSDB	
Eduardo Azeredo (PSDB/MG)	1. Bruna Furlan (PSDB/SP) ⁸
PP	
Rebecca Garcia (PP/AM)	1. Aline Corrêa (PP/SP)
DEM	
Professora Dorinha Seabra Rezende (DEM/TO)	1. Rosinha Da Adefal (PTdoB/AL) ⁵
PR	
Gorete Pereira (PR/CE)	1. 2, 4 e 13
PSB	
Keiko Ota (PSB/SP) ⁷	1 Sandra Rosado (PSB/RN) ⁷
PDT	
Sueli Vidigal (PDT/ES)	1. Flávia Morais (PDT/GO)
Bloco PV, PPS	
Carmen Zanotto (PPS/SC)	1. Rosane Ferreira (PV/PR) ⁶
PTB¹	
Magda Mofatto (PTB/GO) ¹⁵	1. Marinha Raupp (PMDB/RO) ³

Notas:

1- Vaga cedida pelo PMDB.

2- Vaga cedida pelo PR.

3- Vaga cedida pelo PTB.

4- Designado o Deputado Neilton Mulim, em 15-12-2011 (Sessão do Senado Federal), em substituição à Deputada Liliam Sá, conforme Ofício nº 503/2011, da Liderança do Bloco Parlamentar PR/PTdoB/PRP/PHS/PTC/PSL, da Câmara dos Deputados.

5- Designada a Deputada Rosinha Da Adefal (PTdoB/AL), em 9-2-2012 (Sessão do Senado Federal), em vaga pertencente ao Democratas na Câmara dos Deputados, conforme Ofício nº 3/2012, da Liderança do Democratas.

6- Designada a Deputada Rosane Ferreira, em 15-2-2012 (Sessão do Senado Federal), em substituição ao Deputado Arnaldo Jordy, conforme Ofício nº 18/2012, da Liderança do Bloco Parlamentar PV/PPS, da Câmara dos Deputados.

7- Designadas, em 15-2-2012 (Sessão do Senado Federal), a Deputada Keiko Ota, como membro titular, em substituição à Deputada Sandra Rosado, e a Deputada Sandra Rosado, como membro suplente, em substituição à Deputada Keiko Ota, conforme Ofício nº 4/2012, da Liderança do PSB, da Câmara dos Deputados.

8- Designada a Deputada Bruna Fulan, como membro suplente, em 5-3-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 71/2012, da Liderança do PSDB na Câmara dos Deputados.

9- Designada a Deputada Nilda Gondim, como membro suplente, em substituição à Deputada Elcione Barbalho, em 15-5-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 493/2012, da Liderança do PMDB na Câmara dos Deputados.

10- Vaga acrescida nos termos da Resolução nº 1, de 2012-CN.

11- Designado o Deputado Ademir Camilo, como membro titular, em 7-8-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 812, de 2012, do Líder do PSD.

12- Designada a Deputada Elcione Barbalho, como membro suplente, em substituição à Deputada Nilda Gondim, em 4-12-2012 (Sessão do Senado Federal), conforme Ofício nº 1.229/2012, da Liderança do PMDB.

13- Vago em virtude da renúncia do Deputado Neilton Mulim ao mandato de Deputado Federal, conforme Ofício nº 02/13/SGM/P, publicado no Diário do Senado Federal de 5-2-2013.

14- Vago em virtude da renúncia da Deputada Teresita Surita ao mandato de Deputada Federal, conforme Ofício nº 02/13/SGM/P, publicado no Diário do Senado Federal de 5-2-2013.

15- Designada a Deputada Magda Mofatto, como membro titular, em substituição à ex-Deputada Célia Rocha, em 21-3-2013 (Sessão do Senado Federal), nos termos do Ofício nº 125, de 2013, da Liderança do PTB.

16- Designada a Deputada Nilda Gondim, como membro titular, em 26-3-2013 (Sessão do Senado Federal), conforme o Ofício nº 284, de 2013, da Liderança do PMDB.

COMISSÕES MISTAS ESPECIAIS

ATO DO PRESIDENTE DO CONGRESSO NACIONAL Nº 15, DE 2012

Constitui Comissão Mista Especial prevista no art. 3º da Emenda Constitucional nº 69, de 2012, destinada a elaborar, em sessenta dias, os projetos de lei necessários à adequação da legislação infraconstitucional quanto à transferência, da União para o Distrito Federal, das atribuições de organizar e manter a Defensoria Pública do Distrito Federal.

Presidente:

Vice-Presidente:

Relator:

Senado Federal

Titulares	Suplentes
Bloco Parlamentar da Maioria (PMDB/PP/PV)¹	
Vital do Rêgo (PMDB/PB) ⁵	1. Francisco Dornelles (PP/RJ) ⁵
Eunício Oliveira (PMDB/CE) ⁵	2. Garibaldi Alves (PMDB/RN) ⁵
Clésio Andrade (PMDB/MG) ⁶	3. ^{6 e 11}
Bloco de Apoio ao Governo (PT/PDT/PSB/PCdoB/PRB)¹	
Rodrigo Rollemberg (PSB/DF) ²	1. Pedro Taques (PDT/MT) ⁷
Cristovam Buarque (PDT/DF) ²	2. Antonio Carlos Valadares (PSB/SE) ⁷
Paulo Paim (PT/RS) ^{2 e 7}	3. Eduardo Suplicy (PT/SP) ⁷
Bloco Parlamentar Minoria (PSDB/DEM)	
Cyro Miranda (PSDB/GO) ²	1. ^{6 e 10}
Wilder Moraes (DEM/GO) ^{2 e 6}	2.
Bloco Parlamentar União e Força (PTB/PR/PSC)	
Alfredo Nascimento (PR/AM) ³	1. Eduardo Amorim (PSC/SE) ³
Gim (PTB/DF) ³	2. João Vicente Claudino (PTB/PI) ³
PSD⁴	
Sérgio Petecão (PSD/AC) ²	1. ^{2, 8, 9 e 12}

Notas:

- 1- Conforme Ofícios nºs 1.815 e 1.816, de 2012-SF, o Bloco Parlamentar da Maioria e o Bloco de Apoio ao Governo dispõem de mais uma vaga, que deve ser compartilhada, sendo uma de titular e uma de suplente.
- 2- Em 17-9-2012 (Sessão do Senado Federal), designados os Senadores Cyro Miranda, Clovis Fecury, Rodrigo Rollemberg, Cristovam Buarque, Pedro Taques e Sérgio Petecão para integrarem como titulares; e a Senadora Kátia Abreu para integrar, como suplente, nos termos dos Ofícios nºs 60, 34, 74 e 25, de 2012, das Lideranças dos respectivos partidos.
- 3- Em 19-9-2012 (Sessão do Senado Federal), designados os Senadores Alfredo Nascimento e Gim, como membros titulares, e os Senadores Eduardo Amorim e João Vicente Claudino, como membros suplentes, nos termos do Ofício nº 134/2012, do Bloco Parlamentar União e Força.
- 4- Vaga destinada ao rodízio, nos termos do art. 10-A do Regimento Comum do Congresso Nacional.
- 5- Em 20-9-2012 (Sessão do Senado Federal), designados os Senadores Vital do Rêgo, Eunício Oliveira e Clésio Andrade, como membros titulares, e os Senadores Francisco Dornelles, Garibaldi Alves e Tomás Correia, como membros suplentes, nos termos dos Ofício nº 306/2012, do Bloco Parlamentar da Maioria.
- 6- Em 25-9-2012 (Sessão do Senado Federal), designado o Senador Wilder Moraes, como membro titular, em substituição ao Senador Clovis Fecury, e o Senador Clovis Fecury, como membro suplente, nos termos dos Ofício nº 50/2012, da Liderança do DEM.
- 7- Em 25-9-2012 (Sessão do Senado Federal), designado o Senador Paulo Paim, como membro titular, em substituição ao Senador Pedro Taques, e os Senadores Pedro Taques, Antonio Carlos Valadares e Eduardo Suplicy, como membros suplentes, nos termos dos Ofício nº 120/2012, do Bloco de Apoio ao Governo.
- 8- Em 2-10-2012, a Senadora Kátia Abreu licenciou-se nos termos do art. 43, inciso II, do Regimento Interno do Senado Federal, por 121 dias, a partir de 2-10-2012, conforme RQS nº 869/2012, deferido na sessão de 1º-10-2012.
- 9- Em 16-10-2012 (Sessão do Senado Federal), designa o Senador Marco Antônio Costa, como membro suplente, em substituição à Senadora Kátia Abreu, nos termos dos Ofício nº 59/2012, da Liderança do PSD no Senado Federal.
- 10- Vago em razão da reassunção do titular, Senador João Alberto Souza, em 5-11-2012.
- 11- Vago em virtude de o Senador Tomás Correia não exercer mais o mandato devido ao retorno do titular, Senador Valdir Raupp, em 15-11-2012.
- 12- Vago em virtude de o Senador Marco Antônio Costa não exercer mais o mandato devido ao retorno do titular, Senadora Kátia Abreu, em 31-1-2013.

Câmara dos Deputados

Titulares	Suplentes
PT	
	1.
	2.
PMDB	
Leandro Vilela ¹	1. Geraldo Resende ¹
Luiz Pitiman ¹	2. Sandro Mabel ¹
PSDB	
	1.
PP	
Roberto Britto ¹	1. Toninho Pinheiro ¹
DEM	
Augusto Coutinho ¹	1. João Bittar ¹
PR	
	1.
PSB	
	1.
PDT	
	1.
Bloco Parlamentar (PV / PPS)	
Augusto Carvalho ¹	1.
PTB	
	1.

Notas:

1- Em 14-11-2012 (Sessão do Senado Federal), designados os Deputados Leandro Vilela, Luiz Pitiman, Roberto Britto, Augusto Coutinho e Augusto Carvalho, para integrarem como titulares; e os Deputados Geraldo Resende, Sandro Mabel, Toninho Pinheiro e João Bittar para integrarem, como suplentes, nos termos do Ofício nº 2.066, de 2012, do Presidente da Câmara dos Deputados.

Subsecretaria de Apoio às Comissões Especiais e Parlamentares de Inquérito (SSCEPI)

Diretor: Dirceu Vieira Machado Filho
Telefone: (61) 3303-3490 / 3303-3514
E-mail: sscepi@senado.gov.br

**ATO CONJUNTO N° 1, DE 2013,
DOS PRESIDENTES DO SENADO FEDERAL E DA CÂMARA DOS DEPUTADOS**

Cria Comissão Mista destinada a elaborar, em sessenta dias, proposta de reforma do Regimento Comum do Congresso Nacional.

Presidente: Deputado Cândido Vaccarezza¹
Vice-Presidente: Senador Flexa Ribeiro¹
Relator: Senador Romero Jucá¹

Instalação: 12-3-2013¹

Senado Federal	Câmara dos Deputados
Romero Jucá (PMDB/RR)	Cândido Vaccarezza (PT/SP)
Lobão Filho (PMDB/MA)	Osmar Serraglio (PMDB/PR)
Flexa Ribeiro (PSDB/PA)	Bruno Araújo (PSDB/PE)
Walter Pinheiro (PT/BA)	Mendonça Filho (DEM/PE)
Jorge Viana (PT/AC)	Júlio Delgado (PSB/MG)
Ana Amélia (PP/RS)	Jô Morais (PCdoB/MG)

Notas:

1- Comissão instalada em 12-3-2013, eleitos Presidente, Vice-Presidente e Relator, conforme Ofício nº 1/2013-CMRRC.

Subsecretaria de Apoio às Comissões Especiais e Parlamentares de Inquérito (SSCEPI)

Diretor: Dirceu Vieira Machado Filho
Telefone: (61) 3303-3490 / 3303-3514
E-mail: sscepi@senado.gov.br

**ATO CONJUNTO N° 2, DE 2013,
DOS PRESIDENTES DO SENADO FEDERAL E DA CÂMARA DOS DEPUTADOS**

Cria Comissão Mista destinada a consolidar a legislação federal e a regulamentar dispositivos da Constituição Federal.

Presidente: Deputado Cândido Vaccarezza¹
Relator: Senador Romero Jucá²

Instalação: 2-4-2013²

Câmara dos Deputados	Senado Federal
Cândido Vaccarezza (PT/SP)	Romero Jucá (PMDB/RR)
Edinho Araújo (PMDB/SP)	Vital do Rêgo (PMDB/PB)
Carlos Sampaio (PSDB/SP)	Jorge Viana (PT/AC)
Sergio Zveiter (PSD/RJ)	Pedro Taques (PDT/MT)
Arnaldo Jardim (PPS/SP)	Aloysio Nunes Ferreira (PSDB/SP)
Miro Teixeira (PDT/RJ)	Antônio Carlos Rodrigues (PR/SP)

Notas:

1 - Alínea “a” do inciso I do art. 2º do Ato Conjunto nº 2, de 2013.

2 - Comissão instalada em 2-4-2013, designado o Senador Romero Jucá como Relator, conforme Ofício nº 001, de 2013, da Presidência desta Comissão.

Subsecretaria de Apoio às Comissões Especiais e Parlamentares de Inquérito (SSCEPI)

Diretor: Dirceu Vieira Machado Filho
Telefone: (61) 3303-3490 / 3303-3514
E-mail: sscepi@senado.gov.br

CONSELHOS E ÓRGÃOS

CONSELHO DA ORDEM DO CONGRESSO NACIONAL

(Criado pelo Decreto Legislativo nº 70/1972)
(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato nº 1/1973-CN)

COMPOSIÇÃO

Grão-Mestre: Presidente do Senado Federal

Chanceler: Presidente da Câmara dos Deputados

MESA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS	MESA DO SENADO FEDERAL
PRESIDENTE Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN)	PRESIDENTE Renan Calheiros (PMDB-AL)
1º VICE-PRESIDENTE André Vargas (PT-PR)	1ª VICE-PRESIDENTE Jorge Viana (PT-AC)
2º VICE-PRESIDENTE Fábio Faria (PSD-RN)	2º VICE-PRESIDENTE Romero Jucá (PMDB-RR)
1º SECRETÁRIO Marcio Bittar (PSDB-AC)	1º SECRETÁRIO Flexa Ribeiro (PSDB-PA)
2º SECRETÁRIO Simão Sessim (PP-RJ)	2º SECRETÁRIO Angela Portela (PT-RR)
3º SECRETÁRIO Maurício Quintella Lessa (PR-AL)	3º SECRETÁRIO Ciro Nogueira (PP-PI)
4º SECRETÁRIO Biffi (PT/MS)	4º SECRETÁRIO João Vicente Claudino (PTB-PI)
LÍDER DA MAIORIA	LÍDER DO BLOCO PARLAMENTAR DA MAIORIA Eunício Oliveira (PMDB-CE)
LÍDER DA MINORIA Nilson Leitão (PSDB-MT)	LÍDER DO BLOCO PARLAMENTAR MINORIA Mário Couto (PSDB-PA)
PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE CIDADANIA	PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E CIDADANIA Vital do Rêgo (PMDB-PB)
PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DE DEFESA NACIONAL Nelson Pellegrino (PT/BA)	PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL Ricardo Ferraço (PMDB-ES)

(atualizada em 28.02.2013)

SECRETARIA-GERAL DA MESA

Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)
Senado Federal – Anexo II - Térreo
Telefones: 3303-4561 e 3303-5258
scop@senado.gov.br

CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL¹

(13 titulares e 13 suplentes)

(Criado pela Lei nº 8.389, de 30 de dezembro de 1991)
(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato da Mesa nº 1, de 2004)Presidente: DOM ORANI JOÃO TEMPESTA²Vice-Presidente: FERNANDO CESAR MESQUITA²

LEI Nº 8.389/91, ART. 4º	TITULARES	SUPLENTES
Representante das empresas de rádio (inciso I)	WALTER VIEIRA CENEVIVA	DANIEL PIMENTEL SLAVIERO
Representante das empresas de televisão (inciso II)	GILBERTO CARLOS LEIFERT	MÁRCIO NOVAES
Representante de empresas da imprensa escrita (inciso III)	ALEXANDRE KRUEL JOBIM	LOURIVAL SANTOS
Engenheiro com notório conhecimento na área de comunicação social (inciso IV)	ROBERTO FRANCO	LILIANA NAKONECHNYJ
Representante da categoria profissional dos jornalistas (inciso V)	CELSO AUGUSTO SCHRÖDER	MARIA JOSÉ BRAGA
Representante da categoria profissional dos radialistas (inciso VI)	JOSE CATARINO NASCIMENTO	VAGO ³
Representante da categoria profissional dos artistas (inciso VII)	JORGE COUTINHO	MÁRIO MARCELO
Representante das categorias profissionais de cinema e vídeo (inciso VIII)	LUIZ ANTONIO GERACE DA ROCHA E SILVA	PEDRO PABLO LAZZARINI
Representante da sociedade civil (inciso IX)	MIGUEL ANGELO CANÇADO	WRANA PANIZZI
Representante da sociedade civil (inciso IX)	DOM ORANI JOÃO TEMPESTA	PEDRO ROGÉRIO COUTO MOREIRA
Representante da sociedade civil (inciso IX)	RONALDO LEMOS	VAGO ⁴
Representante da sociedade civil (inciso IX)	JOÃO MONTEIRO FILHO	VICTOR JOSÉ CIBELLI CASTIEL (ZÉ VICTOR CASTIEL)
Representante da sociedade civil (inciso IX)	FERNANDO CESAR MESQUITA	LEONARDO PETRELLI

Atualizada em 13.03.2013

1ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 05.06.2002

2ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 22.12.2004

3ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 17.07.2012

SECRETARIA GERAL DA MESA
 Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)
 Senado Federal - Anexo II - Térreo
 Telefones: 3303-4561 e 3303- 5258
ssccn@senado.gov.br
www.senado.gov.br/ccs

Notas:

1- Conselheiros eleitos para a 3ª Composição tomaram posse em 08.08.2012.

2- Eleitos na 1ª Reunião do Conselho, realizada em 08.08.2012.

3- Vago em virtude do falecimento do Conselheiro Suplente Eurípedes Corrêa Conceição, ocorrido em 13.02.2013.

4- Vago em virtude de o Conselheiro João Luiz Silva Ferreira ter renunciado ao cargo de suplente, conforme expediente datado de 26.02.2013, publicado no Diário do Senado Federal em 13.03.2013.

REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA NO PARLAMENTO DO MERCOSUL

Resolução nº 1/2011-CN

COMPOSIÇÃO

37 Titulares (27 Deputados e 10 Senadores) e 37 Suplentes (27 Deputados e 10 Senadores)

Presidente:

Presidente:
Vice-Presidente:

Vice-Presidente:

Instalação: 31.08.2011

Deputados

Titulares	Suplentes

Senadores

Titulares	Suplentes
Bloco Parlamentar da Maioria (PMDB / PP / PSD / PV)	
Bloco de Apoio ao Governo (PT / PDT / PSB / PCdoB / PRB)	
Bloco Parlamentar Minoria (PSDB / DEM)	
Bloco Parlamentar União e Força (PTB / PR / PSC / PPL)	

(Atualizada em 11.03.2013)

Edição de hoje: 44 páginas
(OS: 12023/2013)

Secretaria Especial de
Editoração e Publicações – SEEP

SENADO
FEDERAL

